



*Irene Jouin Monteiro*

**SOLIDARIEDADE FAMILIAR INTERGERACIONAL E BEM-ESTAR PSICOLÓGICO  
ESTUDO INTERGERACIONAL SOBRE A RELAÇÃO DE APOIO  
ENTRE FILHAS ADULTAS E SUAS MÃES**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**  
MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA  
2010



Universidade do Porto  
Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação

**Solidariedade familiar intergeracional e bem-estar psicológico**  
**Estudo intergeracional sobre a relação de apoio**  
**entre filhas adultas e suas mães**

Irene Bárbara Jouin Monteiro

Outubro | 2010

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação na Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob orientação da Professora Doutora Anne Marie Fontaine (F.P.C.E.U.P.).

## Resumo

A solidariedade familiar intergeracional, tida como a rede complexa e orgânica de apoio mútuo que se estabelece ao longo do ciclo de vida das famílias entre as suas diferentes gerações constitui hoje, mais do nunca, um recurso valioso no funcionamento das famílias em geral. As transformações sócio-demográficas ocorridas nas últimas décadas são generalizadas e têm um impacto determinante na estrutura dos sistemas familiares. Entre as mudanças com impacto sobre a família estão o aumento da esperança de vida, a diminuição das taxas de fertilidade, o aumento da participação feminina no trabalho e o aumento dos divórcios. Estas transformações são responsáveis por uma maior variabilidade e diversidade de estruturas familiares e reforçam uma coexistência entre um maior número de gerações dentro de uma mesma família. Este maior e mais profundo contacto intergeracional pode representar uma fonte de apoio, diversificada e criativa, essencial ao ajustamento contínuo da família nuclear às exigências contraditórias da vida moderna.

Com base no paradigma conceptual da solidariedade familiar intergeracional de (Bentson & Roberts, 1991) e nas perspectivas desenvolvimentais do Ciclo de Vida (Baltes, P. B., Reese, H. Lipsitt, L., 1980), o presente estudo recorreu a uma amostra de 49 díades de filhas adultas/mães, e teve por objectivos avaliar o impacto da solidariedade intergeracional desenvolvida entre as díades no bem estar psicológico dos seus membros, explorar padrões relacionais típicos das relações intergeracionais e analisar a influência da distância geográfica, dos valores e do conflito sobre a solidariedade intergeracional. Os resultados sugerem que a solidariedade familiar tem um impacto reduzido no bem estar dos indivíduos, que existe uma elevada reciprocidade entre o apoio dado e recebido entre as díades e que não existem diferenças de percepção entre mães e filhas sobre a sua relação. A distância geográfica tem um impacto negativo na solidariedade funcional. O familismo e o conflito estão mais relacionados com as dimensões normativa e afectiva da solidariedade. O facto de incidir sobre os relatos das duas gerações, confirma o contributo deste estudo, no entanto, dada a escassez de investigação neste domínio e algumas limitações empíricas do estudo, os resultados são de carácter exploratório, indicando a necessidade de mais investigação de tipo longitudinal no futuro.

**Palavras-chave:** solidariedade familiar intergeracional, bem estar psicológico, relações intergeracionais, relações pais-filhos adultos, familismo, conflito.



## Abstract

Intergenerational solidarity, described as a complex and organic net of mutual support developed throughout the family cycle and between different generations, constitutes today more than ever a valuable resource to family functioning in general. The sociodemographic transformations which occurred in the last decades have been innumerable and rapid and have a profound impact in the family structure. Some of those changes that have a bigger impact on family include the growth of life expectancy and of woman participation in labor force, the decline of fertility rates and the growth of divorce rates. The result is a stronger and more frequent coexistence between a larger number of generations in the same family. This intergenerational contact can in fact represent a creative and diversified source of support that is essential to the nuclear family continuing adjustment to the demands of modern life.

Relying on the conceptual frame of the Intergenerational Solidarity Paradigm (Bengtson & Roberts, 1991) and Life-span theories (Baltes, P. B., Reese, H. Lipsitt, L., 1980), the present study used a sample of 49 adult child-mother dyads with the purpose of evaluating the impact of family intergenerational solidarity on the psychological well-being of dyad's members, to explore typical relational patterns of intergenerational relations and to analyze the influence of geographic distance, familism and conflict on intergenerational solidarity. The results suggest that intergenerational solidarity in the dyads has a reduced impact in the psychological well-being of its members, that there is a strong reciprocity in functional support and that there are no significative differences between adult child and mother perceptions over their affective solidarity. Geographic distance has a negative impact on functional solidarity. Familism and conflict are strongly associated with affective e normative dimensions of solidarity. One of the major contributes of this study relies on its use of reports from both generations. However the scarce of studies in this field and the empirical limitations of the study indicates that the results are exploratory and that further longitudinal research is needed.

**Key-words:** intergenerational familiar solidarity, psychological weel-being, intergenerational relations, adult-child and parents relations, familism, conflict.

## Résumé

La solidarité familiale intergénérationnelle, vue comme un complexe et organique réseau de entre-aide qui s'est établi au long du cycle de vie des familles entre différentes générations, représente, actuellement plus que dans le passé, une ressource valable pour le fonctionnement des familles en général. Les transformations socio démographiques observées au long des dernières années sont nombreuses et rapides et ont un impact déterminant sur la structure des systèmes familiaux. Les transformations les plus significatives pour la famille concernent l'augmentation des taux d'espérance de vie, de la participation des femmes au travail, des divorces et la diminution des taux de fertilité. Ces changements augmentent la variabilité et la diversité des structures familiales et renforcent la coexistence de différentes générations dans une même famille. Un contact intergénérationnel plus fréquent peut représenter une source de support, diversifié et créative, essentielle à l'adaptation continue de la famille aux demandes contradictoires de la vie moderne.

Ayant pour base le paradigme conceptuel de la solidarité familiale intergénérationnelle (Bengtson & Roberts, 1991) et la perspective développementale du cycle de vie (Baltes, P. B., Reese, H. Lipsitt, L., 1980), cette étude a un échantillon de 49 dyades de filles adultes-mères et a comme objectifs analyser l'impact de la solidarité intergénérationnelle présente dans les dyades sur le bien-être psychologique des sujets qui les composent, explorer deux tendances typiques des relations intergénérationnelles, analyser l'influence de la distance géographique, et explorer le rapport entre familisme, conflit et solidarité. Les résultats suggèrent que la solidarité familiale a un impact réduit sur le bien-être des mères et des filles, que le support fonctionnel est caractérisé par une grande réciprocité, et qu'il n'y existe pas de différences significatives entre mères et filles en ce qui concerne leur perception de leur rapport affectif. La distance a un impact négatif sur les dimensions fonctionnelles. Le familisme et le conflit sont associés aux dimensions affectives et normative. Le fait d'aborder le point de vue de deux générations représente le principal apport de cette étude. Par contre, un nombre réduit de recherches dans ce domaine et les limitations empiriques de l'étude indiquent que les résultats sont de caractère exploratoire et suggèrent la nécessité d'études longitudinales.

**Mots-clés:** Solidarité familiale intergénérationnelle, bien-être psychologique, rapports intergénérationnels, rapport parents-enfants adultes, familisme, conflit.

## Agradecimentos

São várias as pessoas e as coisas que contribuíram para a concretização desta tarefa, oferecendo-me o seu apoio funcional e afectivo, de forma solidária e genuína.

Antes de mais, quero agradecer à origem de tudo - a minha mãe. Foi através dela que aprendi, na prática mais do que na teoria, a importância de estar atenta ao outro, de forma discreta, e o prazer de ajudar o outro, de forma descomprometida. Foi também dela que herdei o espanto perante as coisas mais simples das relações humanas e a curiosidade de saber mais do que vejo. Foi com ela e com a nossa relação que me reencontrei inúmeras vezes ao longo deste processo, a cada entrevista com mães e filhas. Desta partilha intensa de experiências pessoais que, no seu conjunto, compõem um corpo feminino de vivências ancestrais, resultou para mim num sentido de pertença e de comunidade muito reconfortante. A cada uma das mulheres do meu estudo, em particular, eu agradeço a generosidade e a confiança.

Agradeço também à minha família nuclear, em especial marido e filhos, que constituem para mim fontes inesgotáveis e insaciáveis de apoio, me abrem continuamente novas possibilidades de pôr em prática a minha capacidade de dar e de receber, e com os quais (re)descubro diariamente o que é *ser* uma família. São os meus mestres. Agradeço à minha comunidade de familiares, amigos, colegas, vizinhos, conhecidos, desconhecidos e objectos que, muitas vezes, sem o saberem me oferecem nos gestos mais simples do quotidiano e na sua presença tudo o que preciso no momento. Agradeço em especial à minha e colega Carla Pita que com a sua leitura crítica e ponderada me ajudou a dar os últimos passos deste escrito.

Por fim, agradeço especialmente à minha orientadora, Professora Anne Marie Fontaine, pela sua afável disponibilidade e pela sua orientação assertiva e tranquila. A sua determinação em aliar a investigação dos fenómenos relacionais à compreensão do mundo em geral e à sua transformação na prática, contribuíram para humanizar e complexificar a minha visão geral sobre o que é a investigação científica, contaminando definitivamente as minhas futuras leituras sobre os contributos que a ciência pode dar para a construção de um mundo mais *sábio*.

# Índice

## Introdução

### Capítulo I – Enquadramento Teórico

1. As relações intergeracionais: mudanças e (des)continuidades	4
2. Teoria das relações intergeracionais	6
2.1 Paradigma da solidariedade familiar intergeracional	6
2.2 Perspectiva desenvolvimental do ciclo de vida	8
2.3 A geração <i>sanduíche</i>	10
2.4 A geração avós	11
3. Solidariedade familiar intergeracional e bem estar psicológico	16
3.1 Norma da reciprocidade	16
3.2 Hipótese do <i>stake intergeracional</i>	17
3.3 Distância geográfica	19
3.4 Familismo	19
3.5 Conflito	21

### Capítulo II – Enquadramento Empírico

1. Objectivos, variáveis e hipóteses de estudo	24
2. Método	27
2.1 Participantes	27
2.2 Instrumentos	29
2.2.1 Escala de Bem Estar Psicológico de Ryff (1989)	30
2.2.2 Index de Solidariedade Familiar Intergeracional de Bengtson & Roberts (1991)	32
2.2.3 Escala de Familismo/Individualismo de Matias & Fontaine (2003)	35
2.2.4 Escala de Ambiente familiar de Coimbra & Gonçalves (1997)	37
2.3 Procedimento de recolha de dados	39
3. Apresentação dos resultados	40
3.1 Análises descritivas	40
3.2 Análises comparativas	41
3.2.1 Relação entre solidariedade e bem-estar psicológico	41

3.2.2 Reciprocidade	42
3.2.3 Diferenças de percepção da relação entre mães e filhas	43
3.2.4 Distância geográfica	43
3.2.5 Familismo	44
3.2.6 Conflito	44
4. Discussão dos resultados	45
<b>Conclusões</b>	49
<b>Bibliografia</b>	61

## **Lista de Anexos**

### Anexo 1 | Escalas originais

- a. Escala de bem estar (Ryff, 1989)
- b. Índice de Solidariedade Familiar Intergeracional (Bengtson & Roberts, 1991)
- c. Escala de Familismo/Individualismo (Fontaine & Matias, 2003)
- d. Escala de Ambiente Familiar (Gonçalves & Coimbra, 1997)

### Anexo 2 | Questionário sócio-demográfico

### Anexo 3 | Protocolo de avaliação

- a. Versão filhas
- b. Versão mães

### Anexo 4 | Variáveis sócio-demográficas

### Anexo 5 | Análises factoriais das escalas – procedimento geral

- a. Escala de Bem-estar Psicológico
- b. Índice de Solidariedade Familiar Intergeracional
- c. Escala de Familismo/individualismo
- d. Escala de Ambiente Familiar

### Anexo 6 | Médias totais das escalas

## **Índice de quadros**

Quadro 1 | Caracterização da amostra

Quadro 2 | Coeficientes de Consistência Interna das Escalas

Quadro 3 | Correlações Solidariedade e Bem estar

Quadro 4 | Correlações Solidariedade Funcional dada e Solidariedade Funcional recebida

Quadro 5 | Diferenças das médias de Solidariedade Afetiva entre gerações

Quadro 6 | análise da variância (MANOVA) entre Solidariedade e Distância geográfica

Quadro 7 | Diferença de médias e desvios-padrão das dimensões da Solidariedade em função da Distância geográfica

Quadro 8 | Correlações entre dimensões do Familismo e da Solidariedade

Quadro 9 | correlações entre dimensões do Conflito e da Solidariedade

## Introdução

Em todas as sociedades, a família assume um lugar central na vida dos indivíduos. Apesar dos múltiplos desafios que a família tem enfrentado nas últimas décadas, a troca de apoio continua a ser um aspecto essencial da relação entre pais e filhos, ao longo de toda a vida. Esta relação, ainda que sob uma multiplicidade infindável de manifestações, é usualmente caracterizada por contacto frequente e proximidade emocional (Schwartz, Trommsdorff, Albert & Mayer, 2005). Em particular, as relações dos pais com os filhos adultos são apontadas, na maior parte das pesquisas, como importantes determinantes do bem-estar, nomeadamente, das gerações mais velhas (Katz, 2009).

Para Lowenstein, (2007) o estudo das relações familiares na vida tardia é especialmente importante no tempo presente. O grande aumento da esperança de vida leva a que cada vez mais pessoas passem o seu tempo dentro de estruturas familiares, reforçando a importância actual dos laços intergeracionais entre os membros adultos das famílias. Estas transformações operadas continuamente nas últimas décadas nestas estruturas familiares alimentam a diversidade e a complexidade da vida das famílias e dos laços intergeracionais (Lowenstein & Bengtson, 2003), colocando no centro das atenções das pesquisas mais recentes, a relação entre pais e filhos adultos. Algumas mudanças sócio-económicas e parâmetros culturais parecem reforçar, hoje mais do que antes, a necessidade de suporte dos pais por parte dos filhos adultos, nomeadamente, a extensão da educação até idades mais tardias, o adiamento da sua independência financeira e o aumento da incidência de divórcios (Attias-Donfut, 1995).

Assim, ao contrário da tese do declínio da família defendida por alguns autores (Popenoe, 1993 cit in Bengtson, 2001) e com base nos estudos que comprovam que apesar da expansão do individualismo, não existe de facto um declínio nos contactos intergeracionais (p.e. Katthijs & De Vries, 2009), partimos da crença de que a família se mantém operacional, cumprindo com as suas funções básicas de suporte emocional, e assumindo novas outras funções ditadas pelas transformações sociais. Neste processo contínuo de adaptação a novas realidades, as famílias vão desenvolvendo todo um conjunto de novas estratégias para lidar com as suas responsabilidades emergentes que importa compreender mais aprofundadamente.

Grande parte das pesquisas sobre o desenvolvimento da família nas últimas décadas tem-se debruçado sobre as relações entre pais e filhos na infância e adolescência. Pouco se tem investigado sobre a relação entre pais e filhos nas fases intermédias e tardias do ciclo

vital (Richards, Bengtson e Miller, 1989). A relação entre pais e filhos adultos é assim o foco central do nosso estudo e, dentro desta relação, a relação entre mães e filhas adultas. São vários os estudos que utilizaram este modelo de díade - filha adulta/mãe idosa pelo particular relevo que estas duas gerações têm na continuidade e coesão das famílias. Consideramos que o facto destas mulheres adultas se encontrarem pressionadas pelas expectativas sociais como figuras cuidadoras de descendentes e ascendentes, as expõem particularmente factores de stress, com impacto provável na sua saúde mental, física e na sua integração sócio-profissional. Qual é o impacto desta rede de apoio mútuo que existe entre as mulheres de diferentes gerações de uma mesma família, que contornos assume nas circunstâncias de vida actuais, que factores a reforçam ou a colocam em risco, que custos e benefícios traz para cada uma das gerações, são questões centrais do nosso estudo. Por fim, a nossa experiência pessoal e profissional, alerta-nos ainda para a importância crescente de outras redes apoio para além da família, como é o caso dos amigos, perante a tendência crescente da mobilidade das famílias e seu consequente afastamento da rede de apoio da família alargada.

No capítulo 1, fazemos o enquadramento conceptual do nosso estudo. Na parte introdutória fazemos uma breve análise das mudanças demográficas verificadas nas últimas décadas e seu impacto nas relações familiares, e uma breve explanação das principais correntes teóricas dedicadas tradicionalmente ao estudo das relações intergeracionais – o Paradigma da Solidariedade Familiar Intergeracional e a perspectiva Desenvolvimental do Ciclo de Vida. No âmbito destes, procedemos à caracterização das duas gerações em foco no nosso estudo – a geração de filhos adultos e a geração de avós. Seguimos com a definição do conceito de bem-estar psicológico e com a descrição de dois mecanismos típicos das relações intergeracionais. Por fim, analisamos as variáveis distância, familismo e conflito, referidos na literatura como factores de influência sobre a solidariedade intergeracional. No capítulo 2, relativo ao enquadramento do estudo empírico, procedemos à descrição dos seus objectivos, variáveis e hipóteses de estudo. Seguimos com a descrição da metodologia de investigação, com a caracterização da amostra de participantes, dos instrumentos e procedimentos de recolha de dados, com a apresentação e discussão dos resultados. Por fim, na conclusão salientamos as principais conclusões do nosso estudo, fazendo referência às suas limitações metodológicas e salientamos o contributo dos estudos intergeracionais para a construção de intervenções integradas, fundamentadas e continuadas no terreno.



## **Capítulo I**

### **Enquadramento teórico**

## **1. As relações intergeracionais - mudanças e (des)continuidades**

O debate em torno das mudanças operadas na família tem sido aceso nas últimas décadas nomeadamente entre sociólogos (Bengtson, 2001). Levantada inicialmente por Burgess, sociólogo de referência que se dedicou ao estudo da família nuclear e às alterações das suas funções como consequência da industrialização e da modernização (Burguess, 1926), a questão do impacto das transformações estruturais na família emerge com regularidade dividindo os autores em três tipos de argumentos: aqueles que defendem que existe um declínio acentuado na estrutura e no funcionamento familiar da família moderna e que este declínio é mais grave do que qualquer declínio que tenha ocorrido no passado (Popenoe, 1993); aqueles que advêm da corrente feminista ou estudam famílias de minorias e que defendem que o que está em declínio é o formato tradicional da família, o que acarreta novas possibilidades para formas mais igualitárias e democráticas de relacionamento (Stack, 1974; Stacey, 1993); aqueles que admitem as transformações operadas nas famílias aos mais diversos níveis, e que defendem que estas reforçam a importância dos laços intergeracionais para o bem-estar e para o apoio ao longo do decurso da vida dos indivíduos. Segundo esta última perspectiva, as mudanças demográficas não só não põem em risco a família como trazem novas oportunidades e necessidades de interacção, apoio, influência mútua ao longo de várias gerações (Bengtson, 2001).

Segundo Grundy. & Henretta, (2006) estas mudanças demográficas resultam em geral, nos países desenvolvidos, no envelhecimento da população e, nos países menos desenvolvidos, em mudanças na estrutura e no tamanho da rede de parentesco. Segundo Lowenstein (1999) a revolução demográfica mudou o mapa e a pirâmide etária dos países modernos. As famílias estão envolvidas numa “revolução silenciosa” que transforma os múltiplos aspectos da vida familiar. Uma dessas mudanças implica a passagem de uma estrutura familiar horizontal para uma estrutura vertical, com um número maior de gerações vivas mas um menor número de membros em cada geração.

Pela primeira vez, os filhos podem ter mais pais do que filhos, resultado directo de aumento da longevidade, diminuição dos nascimentos e aumento de divórcios e recasamentos. Verifica-se uma maior dificuldade em prever o tempo das transições, especialmente a entrada no casamento, o exercício da parentalidade e a entrada em função enquanto avós, o que se manifesta num maior número de famílias com grande distância geracional (caso do adiantamento da parentalidade, com o primeiro filho aos 30 anos ou mais tarde) ou famílias com elevada condensação geracional (caso da parentalidade

adolescente). Aumentam as famílias reconstituídas, famílias monoparentais, famílias homoparentais e a coabitação antes do casamento. Por outro lado, em relação à situação dos avós, aumentam o número de pais idosos que vivem sozinhos, e aumenta a mobilidade dos filhos adultos. A um nível mais geral, surgem a abertura das fronteiras, a emigração, as mudanças nas políticas sociais e as mudanças nas preferências das famílias por determinado de apoio que, actualmente, pode ser assegurado ou pela família ou pelo Estado.

Em Portugal, os dados estatísticos apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística sobre a evolução mais recente da população portuguesa (entre 2003 e 2009) confirmam estas tendências. Assim, apesar a população portuguesa continuar a aumentar, verificamos: um decréscimo da taxa de crescimento (de 0.41% para 0.275%); um aumento da taxa de mortalidade (de 10.21 para 10.68); um decréscimo da taxa de nascimentos (de 11,45 para 10,29) por cada mil habitantes; um aumento na esperança de vida (de 76.35 anos para 78.21); um aumento da taxa de actividade feminina (de 54.7% para 56,0%) que corresponde à 7ª taxa mais elevada da União Europeia; e um aumento do número de divórcios por cada mil habitantes (de 2,1 em 2005 para 2,5 em 2009), a par de uma diminuição do número de casamentos.

Estas mudanças na estrutura demográfica das famílias têm importantes implicações para o comportamento das famílias. Bengtson (2001) faz a este respeito notar que se por um lado o divórcio e a baixa fertilidade podem reduzir a centralidade da família nuclear, pelo outor, o aumento de números de gerações vivas no mesmo tempo e um maior número de anos de convívio entre si, aumentam a importância da família alargada. Para o autor, os laços multigeracionais tornaram-se cada vez mais importantes ao longo do tempo, dadas as condições oferecidas pelas mudanças demográficas: o aumento da esperança de vida leva a que pais e filhos partilhem mais tempo juntos, tornando-se mais importante para ambos investirem na sua relação; o declínio do número de filhos aumenta a importância que cada filho tem para os seus pais; a entrada das mulheres no mundo do trabalho, aumenta a necessidade de apoio por parte dos filhos adultos e reforça o papel de avós; as mudanças tecnológicas facilitam o contacto entre os membros das famílias através da utilização de modernos meios de transporte e de novos meios de comunicação como a internet e o telemóvel, o que é especialmente relevante à medida que tende que crescem os obstáculos ao contacto pessoal entre as gerações.

## **2. Teoria das relações intergeracionais**

As relações entre pais e filhos ao longo do curso de vida tornou-se um alvo recorrente de estudos no âmbito da sociologia da família e da psicologia do desenvolvimento. No entanto, a literatura neste domínio continua fragmentária em parte devido à falta de um quadro teórico integrado sobre as relações entre pais e filhos, particularmente após a adolescência (Richard, Bengtson e Miller, 1989). No âmbito da Sociologia, destacamos o paradigma da solidariedade familiar intergeracional desenvolvido por Bengtson e colaboradores (1991) por ser aquele em que fundamentamos a nossa metodologia empírica. No âmbito da Psicologia, salientamos o contributo da perspectiva do Ciclo de Vida, referida com mais frequência na grande maioria dos estudos por nós considerados.

### ***2.1 Paradigma da Solidariedade Familiar Intergeracional***

O paradigma da solidariedade intergeracional desenvolvido por Bengtson e Roberts (1991) considera as relações entre pais e filhos adultos uma fonte primária de suporte mútuo, emocional e instrumental (Bengtson et al, 2000), salientando que as relações intergeracionais dentro das famílias representam laços sociais complexos e que os membros das famílias estão ligados entre si por múltiplos tipos de solidariedade que podem ser complementares (Bengtson & mangen, 1988; Bengtson & Roberts, 1991). O modelo da solidariedade, proposta inicialmente nos anos 70, resultou de uma tentativa de conceptualização das relações familiares na vida adulta e serviu para descrever sentimentos, comportamentos e atitudes dentro das relações familiares. Bengtson & Shrader (1982) definiram a solidariedade intergeracional como uma estrutura multidimensional que integra as componentes comportamental, afectiva, cognitiva e estrutural da família alargada.

A partir do modelo, Silverstein e Bengtson (1997) desenvolvem uma tipologia, baseada em três dimensões da solidariedade: afinidade, estrutura de oportunidades e função e descrevem cinco tipos de relações entre pais e filhos: (1) *apertadas (tight-knit)*. baseadas nas seis dimensões da solidariedade; (2) *sociáveis*: baseadas na proximidade geográfica, frequência de contactos, proximidade emocional e consenso mas não baseadas no apoio funcional; (3) *obrigatórias*: baseadas na proximidade geográfica e no apoio funcional mas não baseadas no apoio afectivo ou consenso; (4) *íntimas mas distantes*: baseadas na proximidade emocional e no consenso mas não baseadas na proximidade

geográfica, frequência de contacto ou apoio funcional; (5) *desligadas*: não se baseiam em nenhuma dimensão da solidariedade.

Os seus críticos referem que o modelo é normativo, isto é, aponta mais para um modelo ideal de relações familiares do que para a família real (Marshall, Matthew, & Rosenthal, 1993). Outros referem que o modelo não tem em conta a multiplicidade de situações familiares que saem dessa norma. Perante estas críticas, os autores (Silverstein e Bengtson, 1997) respondem que cada dimensão da solidariedade é distinta e representa uma dialéctica: intimidade e distância (afectiva), acordo e desacordo (consensual), dependência e autonomia (funcional), integração e isolamento (associação), oportunidades ou barreiras (estrutural) e familismo e individualismo (normativa) e que as configurações multidimensionais são quase ilimitadas e respeitam a complexidade inerente às relações familiares. Durante a última década, o modelo da solidariedade teve de adaptar-se às inovações nos métodos e aos inúmeros desafios colocados por diversos autores à sua dominância e universalidade (p.e. Hammarström, 2005). O paradigma foi, assim, modificado em 1985 para se tornar o modelo da “solidariedade-conflito familiar intergeracional”, um modelo que incorpora o conflito e se foca nos possíveis efeitos negativos de uma solidariedade excessiva. Para Bengtson (2001) o conflito é um componente natural e inevitável da vida e das relações humanas em geral e deve ser visto como uma dimensão separada das relações familiares intergeracionais (Bengtson, Giarusso, Mabry & Silverstein, 2002). Ao desenvolverem o modelo conflitual, Clarke, Preston, Raskin & Bengtson, (1999) argumentam que ao mesmo tempo que o conflito é um aspecto normal das relações familiares, ele afecta a forma como os membros da família se percebem entre si e a disponibilidade que têm para prestarem apoio uns aos outros. Os autores sublinham, no entanto, que solidariedade e conflito não representam um continuum único entre uma elevada solidariedade e um elevado conflito. Pelo contrário, as relações intergeracionais podem exhibir simultaneamente solidariedade e conflito, na mesma proporção, dependendo das dinâmicas familiares e das suas circunstâncias envolventes.

Lüescher e Pillemer (1998, cit in Bengtson, V.L., Giarusso, R., Mabry, J.B., Silverstein, M. (2002) vêm, por sua vez, criticar este modelo da solidariedade-conflito e propor o conceito ambivalência como um conceito, teórica e empiricamente, mais útil ao estudo das relações familiares tardias, do que os conceitos de solidariedade e conflito. Na sua proposta para um “paradigma da ambivalência intergeracional”, os autores introduzem o termo ambivalência como aquele que reflecte as contradições e ambiguidades das relações. Os autores enfatizam que a abordagem da ambivalência é não normativa e não enfatiza os problemas, compensando, deste modo, as falhas das abordagens do conflito e da solidariedade. Mais recentemente, Bengtson, Giarusso, Mabry e Silverstein (2002)

discutem a relação entre estes dois conceitos – solidariedade e ambivalência. Nas suas conclusões, reconhecem o valor do construto mas apontam para as dificuldades na operacionalização desta variável para a predição ou explicação das diferenças nas dinâmicas familiares intergeracionais, considerando, por conseguinte, que o termo vem complementar e não substituir o modelo da solidariedade-conflito. Uma definição operacional de ambivalência pode, na sua opinião, derivar das dimensões centrais do paradigma da solidariedade e resultar de uma discrepância entre as seis dimensões da solidariedade (Silverstein e Bengtson, 1997). Num estudo recente, Lowenstein (2007) compara os dois modelos - da solidariedade-conflito familiar intergeracional e da ambivalência intergeracional - e conclui que a solidariedade afectiva e normativa e a funcional têm um valor preditivo, maior do que ambivalência, sobre a qualidade de vida dos idosos. Os resultados mostram que o conflito não teve qualquer efeito e que a ambivalência teve um efeito menor do que as dimensões da solidariedade.

## **2.2. *Perspectiva Desenvolvidamental do Ciclo de Vida***

A perspectiva do ciclo de vida (*life-span psychology*) foi aquela que mais contributo deu ao estudo do desenvolvimento na vida adulta (Marchand, 2001). Ao defender que o desenvolvimento após a infância e a adolescência merecia a mesma atenção científica do que o desenvolvimento dos primeiros anos de vida e que a vida adulta possuía uma génese própria e características evolutivas específicas, esta perspectiva dedicou-se à análise das etapas de maturação e de envelhecimento do ser humano, áreas tradicionalmente pouco estudadas pela Psicologia do Desenvolvimento. Actualmente, tem como objectivo a construção de conhecimentos acerca dos princípios gerais do desenvolvimento ao longo da vida, acerca das diferenças individuais e das semelhanças no desenvolvimento, bem como acerca das possibilidades de modificação desse comportamento (Baltes, 1987 cit in Fonseca, 2004).

Segundo Baltes, Lindenberger e Staudinger (1998, cit in Fonseca, 2004) a teoria do ciclo de vida resulta de uma emancipação dos modelos biológicos de crescimento, conseguida através da ligação da psicologia, por um lado, a outras disciplinas como a sociologia e a antropologia (que vieram alargar a compreensão dos fenómenos) e, por outro lado, aos estudos longitudinais (que vierem pôr em causa a ideia de declínio associada ao envelhecimento). Esta concepção assenta numa tentativa de combinação do paradigma organicista, centrado no desenvolvimento intrapessoal, com o paradigma contextualista, que propõe uma visão do desenvolvimento humano assente na interacção recíproca entre um organismo em permanente evolução e toda a série de contextos (família, grupo de pares, comunidade) onde essa evolução decorre. Os seus autores (Baltes, 1979; Baltes, Reese e

Lipsitt, 1980) referem que mais do que uma *teoria*, trata-se de um modelo multidisciplinar de abordagem ao desenvolvimento, baseado na ideia de que as mudanças sofridas pelos indivíduos ao longo de toda a sua vida são mudanças desenvolvimentais.

São conhecidas e partilhadas por outras perspectivas muitas das suas premissas básicas sobre o desenvolvimento humano: (1) é contínuo: um processo que se estende ao longo de toda a vida, da concepção até à morte, através de mudanças desenvolvimentais; (2) é multilinear: não existe um período privilegiado de maturidade, há capacidades que se desenvolvem e declinam ao longo da vida, de forma dinâmica e não estandardizada (3) é multidireccional: existem muitas direcções possíveis de mudança; (4) é multidimensional: ocorre nas dimensões física, intelectual e sócio-emocional; (5) é multideterminado: é determinado pela acção conjunta e interactiva de factores associados à idade (mudanças biológicas), à história (mudanças sociais, económicas e políticas), e a acontecimentos de vida (mudanças não normativas na vida pessoal); (6) é caracterizado por plasticidade, verificada na variabilidade intraindividual, no potencial para a intervenção e na capacidade do indivíduo de alterar o curso do seu próprio desenvolvimento, sendo ao mesmo tempo produto e produtor do seu crescimento; (7) é descrito por uma alternância permanente entre crescimento (ganhos desenvolvimentais) e declínio (perdas desenvolvimentais); (8) o seu estudo deve ser feito de forma multidisciplinar pois a compreensão das diferenças no desenvolvimento individual e das diferenças de desenvolvimento entre pessoas e populações exige que se recorra de forma integrada a conhecimentos originários de disciplinas científicas focadas na dimensão individual (biologia, genética, psicologia) e na dimensão colectiva (psicologia social, sociologia, antropologia).

No que diz respeito ao seu contributo para os estudos intergeracionais em particular, salientamos a sua concepção positiva do desenvolvimento na idade adulta. Segundo esta perspectiva, este desenvolvimento é caracterizado por progresso, aperfeiçoamento, acumulação e integração de conhecimentos sobre o mundo, por uma compreensão mais aprofundada dos outros e pelo aumento de relacionamento interpessoal), e a idade adulta e a velhice são, mais do que nas outras fases da vida, especialmente sensível às influências sociais (Clarke-Stewart, Perlmutter e Friedman, 1988, cit in Fonseca, 2003). Estas ideias fundamentam solidamente o interesse dos investigadores pelo estudo das relações familiares entre gerações, ao considerarem que tanto os adultos mais jovens como os adultos mais velhos podem ser receptores e dadores de apoio intergeracional e que o contacto entre as gerações traduz um processo de influências recíprocas que tem um papel central no seu desenvolvimento enquanto adultos (Marcoen, 2005). Com base nesta perspectiva, encontramos uma diversidade de estudos que focam uma variedade de variáveis individuais, familiares e sócio-estruturais, em separado ou de forma integrada. Que

contribuem para uma leitura enriquecida do desenvolvimento humano em geral. Estas variáveis podem ser organizadas em três tipos: relativas às características pessoais de quem recebe e de quem dá apoio (posição geracional, género, idade, estatuto civil, estrutura geracional, saúde percebida, estatuto de funcionalidade, nível educativo, rendimentos, preferência pelo tipo de apoio, nível de maturidade filial e parental, religiosidade); relativas à díade (qualidade da relação afectiva, tipo de vinculação); relativas ao contexto (distância residencial, co-residência, normas sociais relativas às obrigações filiais e parentais, natureza colectivista ou individualista da cultura familiar, políticas de protecção à família, papel do Estado no apoio à família). Críticos desta perspectiva apontam-lhe como fraquezas a ambiguidade conceptual e pobreza de propostas metodológicas (Dowd, 1990). Ainda que as críticas sejam rejeitadas pelos seus defensores, este modelo foi sucessivamente revisto e ampliado pelo próprio Paul Bates e seus colaboradores.

### **2.3 A geração “sanduíche”**

O termo geração sanduíche nasceu no seio dos estudos trigeracionais desenvolvidos nos Estados Unidos a partir dos anos 70 para designar a geração que se encontra no meio das outras duas gerações (dos avós e dos netos). Esta geração corresponde a uma faixa etária de adultos com filhos que podemos situar *grossa modo* entre os 25 e os 60 anos (Jovens adultos e adultos de meia idade). Segundo o modelo de Erikson (1959, 1959, 1980 cit in Marchand, 2001) os indivíduos nesta faixa etária deparam-se com duas crises. Na crise da intimidade versus isolamento (dos 18 aos 35 anos) o jovem adulto deve ser capaz de integrar o seu eu numa relação a dois, criando uma relação de intimidade e compromisso com o outro. Caso contrário, desenvolverá uma tendência para o isolamento, e para se afastar das pessoas que ameaçam a identidade do sujeito. Na crise da generatividade versus estagnação (dos 35 aos 65 anos) o adulto jovem ou de meia idade deve encontrar formas de satisfazer a necessidade de generatividade, isto é, de ajudar a nova geração em relação à sua formação e orientação, de se dedicar aos outros e, de uma forma geral, ser produtivo e criativo. Não o fazendo, corre o risco de desenvolver um sentimento de estagnação ou de empobrecimento pessoal.

Nos estudos intergeracionais, a “geração sanduíche”, representada pelos pais que criam filhos dependentes e que têm pais com necessidade de apoio, foi largamente abordada, especialmente nos EUA. Na literatura francesa esta geração foi denominada “geração pivot” (Attias-Donfut, 1995). O principal enfoque da investigação tem sido a mulher numa faixa etária alargada, de meia-idade, com responsabilidades simultâneas de cuidar de idosos e de filhos Grundy, E. & Henretta, J.C. (2006). Os estudos centram-se sobretudo na díade composta pela mulher de meia idade e mãe idosa, tendo em consideração que, de uma



forma geral, as mulheres mantêm mais contacto com as suas famílias, comparativamente aos homens adultos (Cicirelli, 1993 cit in Marcoen, 2005). Este facto pode ser explicado por uma conjugação de factores sócio-culturais e demográficos, designadamente: maior longevidade, maior papel na educação dos filhos e na prestação de cuidados na velhice, maior socialização no sentido de um papel de coesão familiar, salários mais baixos e portanto maior dependência económica da família, maior responsabilidade em caso de divórcio (Giarusso, Stallings & Bengtson, 1995) Assim, a tendência é para que as mulheres tenham, comparativamente aos homens, um contacto mais aprofundado, mais frequente e por mais tempo com a sua descendência e ascendência.

No entanto, a concorrência de papéis pode não corresponder totalmente à realidade. Estudos provam que, efectivamente, a percentagem de mulheres com filhos pequenos dependentes e pais idosos é relativamente reduzida sendo mais comuns as famílias em que as mulheres dão apoio a filhos adultos, mas parcialmente dependentes, e aos pais. Por outro lado, actualmente os idosos, são cada vez mais saudáveis e têm maior segurança financeira, adiando o momento em que precisarão dos filhos para a gestão do seu quotidiano. A este respeito, Grundy e Henretta (2006) verificam que em vez de competirem entre si, o apoio que as mulheres adultas dão aos pais e o apoio que as mesmas dão aos filhos estão positivamente associados entre si. Assim, dar apoio a um ou mais filhos adultos aumenta a possibilidade de dar igualmente apoio aos pais e vice versa, concluindo os autores que algumas famílias estão simplesmente mais envolvidas no apoio intergeracional do que outras.

Não obstante, a situação geracional de estar “no meio” de pais e filhos é com frequência apresentada como uma situação típica da meia-idade, carregada de responsabilidades familiares, e que pode agudizar vulnerabilidades pessoais. As mulheres e os homens que têm pelo menos um pai/mãe e um filho podem estar em risco, pressionados entre dois papéis, e requisitados para uma dupla exigência, poderão experienciar um menor bem-estar (Bengtson, 1993; Brody, 1981 cit in McIlvane, J. Ajrouch, K. & Antonucci, T. (2007). No seu estudo sobre a influência da estrutura geracional no bem-estar psicológico McIlvane, J. Ajrouch, K. & Antonucci, T. (2007) verificam que, comparando 3 tipos de estruturas familiares (filhos adultos sem filhos e com pais, filhos adultos com pais e com filhos e filhos adultos com filhos e sem pais), as famílias com filhos e com pais são aquelas que apresentavam menor bem-estar. Este facto poderá, segundo os autores, explicar-se pela acumulação de diversos factores, tais como, despesas financeiras com filhos, dificuldades na conciliação do trabalho com a família, ou falta de tempo para usufruir dos benefícios de outras relações sociais.

## **2.4 A geração dos avós**

A geração dos avós é composta por indivíduos com idades que abarcam a meia idade até à terceira idade. Segundo o modelo de Erikson (1959, 1959, 1980), o grupo mais novo desta geração de indivíduos pode partilhar com a geração do meio a crise da generatividade versus estagnação, enquanto os membros acima dos 65 anos podem deparar-se com a última crise do seu desenvolvimento: integridade versus desespero. Se as crises precedentes tiverem sido resolvidas adequadamente o sujeito vivencia nesta fase um sentimento de integridade do eu, caso contrário pode ser invadido pelo desespero ou temor da morte, desprezo por si próprio, pelos outros e pelas instituições. Este sentido de integridade implica a aceitação da vida com os seus fracassos e sucessos, um sentido de responsabilidade e autoria sobre a própria vida. A resolução positiva desta crise final do ciclo de vida culmina na emergência da *sabedoria*.

No que diz respeito à importância dos avós nas relações intergeracionais é consensual em vários estudos que avós e netos interagem entre si de forma regular e tendem a ser emocionalmente próximos e ter relações satisfatórias (Drew & Silverstein, 2007). Taylor, Robila e Lee (2005) referem que os netos adultos percebem os seus avós como desempenhando uma variedade de papéis e como sendo influências na transmissão de valores, ideais, conhecimentos e competências. Os idosos são cada vez mais considerados um recurso que contribui activamente para o funcionamento da família, particularmente no papel de avós. Os avós podem em diversas situações de risco representarem um papel de ajudante, coparente ou substituto dos pais, fornecendo dinheiro em momentos de necessidade, ajudando um filho a ultrapassar problemas emocionais ou dependências químicas, dando apoio nas situações de divórcio. Mesmo os pais idosos que recebem apoio dos filhos adultos continuam a manter-se como recursos para os filhos, ajudando-os nas tarefas domésticas ou no cuidado às crianças (Ingersoll-Dayton, Neal & Hammer, 2001 cit in Taylor, Robila & Lee (2005). Na perspectiva de Kornhaber (1996, cit in Taylor, Robila & Lee, 2005) os avós desempenham papéis simbólicos, interactivos e instrumentais. Todos os papéis contêm aspectos instrumentais e emocionais. Os papéis instrumentais são os de mentor, modelo e cuidador. Como mentores, os avós ensinam competências e valores, tradições e filosofias de vida, entre outros assuntos. Como modelos, constituem-se como exemplos para diferentes aspectos da vida como as escolhas vocacionais, os hábitos de vida, o compromisso familiar e a parentalidade. Como cuidadores, directamente e indirectamente os seus filhos, apoiando eles próprios os seus pais. Outros autores referem os avós como companheiros de jogo e como historiadores, representantes por excelência do

passado familiar e cultural, fornecendo rituais e práticas do passado, transmissores de uma cultura familiar.

Esta relação traz benefícios para os avós. No seu estudo longitudinal sobre o impacto da perda do contacto com os netos o bem-estar psicológico dos avós, Drew e Silverstein (2007) verificam que os avós que perderam o contacto com os netos apresentam um aumento de sintomas depressivos com a idade, que é tanto maior quanto mais a perda foi súbita. Confirma-se o impacto negativo e a longo prazo desta perda de contacto na sua saúde emocional, que explica tanto a experiência de perda de uma pessoa amada como também a perda de um papel fundamental para o seu sentido de competência e utilidade. O papel dos avós promove nos netos sentimentos de segurança e pertença bem como a sensação de ter raízes. O facto do contacto entre avós e netos ser menor, não significa necessariamente que há menor satisfação com a relação. Estas relações são sujeitas naturalmente a pressões que sofrem as famílias contemporâneas e dependem consideravelmente da geração do meio (a geração dos pais) que serve de mediadora entre estas duas gerações, a geração dos pais. Consequentemente, os conflitos entre pais e filhos adultos, assim como as vulnerabilidades e as transições da geração do meio (e.g., o divórcio) podem comprometer a oportunidade dos avós se envolverem no seu papel (Drew & Silverstein, 2007).

### **3. Solidariedade familiar intergeracional e bem-estar psicológico**

O conceito de solidariedade encontra-se amplamente descrito no paradigma da solidariedade familiar como uma rede complexa e viva de influências, trocas, interacções entre diferentes gerações ao longo de um tempo individual, familiar e estrutural (Bengtson, 2001). Uma revisão da literatura sobre o bem-estar permite-nos verificar que, na sua concepção mais global, o conceito de bem-estar é formulado em termos de desenvolvimento contínuo na vida adulto e na terceira idade. No entanto, não parece existir uma definição clara e única do conceito, mas sim várias definições do funcionamento positivo que incluem noções como a satisfação com a vida, a felicidade, o ajustamento, o equilíbrio afectivo e o bem-estar subjectivo. Segundo Waterman (1993), existem essencialmente duas concepções científicas sobre bem-estar dominantes no campo da Psicologia, uma que aborda o estado subjectivo de felicidade (bem-estar hedónico), e se denomina *bem-estar subjectivo*, e outra que investiga o potencial humano (bem-estar eudemónico) e se refere ao *bem-estar psicológico*. Essas duas tradições de estudo reflectem visões filosóficas distintas sobre felicidade: enquanto a primeira (hedonismo) adopta uma visão de bem-estar como prazer ou

felicidade, a segunda (eudemonismo) apoia-se na noção de que bemestar consiste no pleno funcionamento e realização das potencialidades do indivíduo.

A maioria dos estudos sobre relações intergeracionais familiares e bem-estar, utilizam o conceito de bem-estar subjectivo (Katz, 2009). A abordagem de Bradburn (1969, cit in Ryff, 1995) ao bem-estar subjectivo faz a distinção entre afectos positivos e afectos negativos e define o bem-estar como sendo um equilíbrio entre os dois. De acordo com esta terminologia, o bem-estar subjectivo é um construto que integra dois componentes: a cognitiva (avaliações da satisfação estáveis a longo prazo) e a emocional (reações afectivas). A satisfação com a vida corresponde à dimensão cognitiva e é um construto muito utilizado para o estudo das variações no bem-estar ao longo da idade e entre a população de idosos (Mannel & Dupuis, 1996 cit in Lowenstein & Katz, 2005). Esta definição inscreve-se numa tradição longa, de avaliação do bem-estar subjectivo, na Gerontologia, através da avaliação da satisfação com a vida e dos afectos positivos e negativos, e que concebe o bem-estar subjectivo como um adequado indicador de saúde mental (*ibidem*).

Ryff (1995) defende uma outra abordagem ao construto de bem-estar psicológico. Segundo a autora, nas abordagens anteriores o estudo do bem-estar psicológico está associado ao estudo da disfuncionalidade psicológica. Pelo contrário, a autora defende que a saúde mental deve ser definida não apenas como ausência de doença mas através da presença do funcionamento positivo. A partir desta nova abordagem, a autora desenvolveu um modelo multidimensional do bem-estar psicológico que inclui seis componentes distintas (cf. anexo 4). A relação entre bem-estar psicológico e bem-estar subjectivo foi mais recentemente estudada por Keyes e cols (2002). As análises factoriais confirmam que os dois conceitos, embora mantenham correlações entre si, têm identidades distintas e devem ser considerados individualmente.

Segundo Rossi e Rossi (1990, cit in DreW & Silverstein, 2007) são vários os estudos que sustentam a ideia de que dentro da família, as relações intergeracionais contribuem para o bem-estar psicológico dos indivíduos ao longo de toda a sua vida. As relações familiares, o tamanho das redes sociais, o número de contactos sociais e a qualidade destes contactos são todos referidos como determinantes do bem-estar subjectivos entre os idosos (Katz, 2009). Segundo Silverstein e Bengtson (1991), pais idosos que têm uma relação mais satisfatória com os seus filhos adultos, referem menos sintomas depressivos (Dean, Kolody & Wood, 1990), maior moral (Mancini, 1979; Ward, Sherman & Dugan, 1990), maior satisfação com a vida (Strain & Chapell, 1982) e menos afectos negativos (Mutran & Reizes, 1984). Estudos sobre o efeito da solidariedade sobre a forma de enfrentar as situações de crise revelaram que uma maior solidariedade familiar contribui para uma melhor capacidade de *coping* e um maior nível de bem-estar, após viuvez (Silverstein & Bengtson, 1994),

emigração (Katz & Lowenstein, 1999) e em diferentes culturas (Zhang & Yu, 1998). O impacto das relações intergeracionais sobre o bem-estar pode mesmo ultrapassar os aspectos psicológicos e abranger a saúde física. O estudo de Silverstein e Bengtson (1991) observa uma relação entre a solidariedade afectiva nas relações entre filhos adultos e pais idosos e a longevidade dos pais durante um período de quatorze anos, nomeadamente, no caso de pais que viveram uma experiência de viuvez. Da mesma forma, Katz (2009) conclui que as três dimensões da solidariedade-conflito - solidariedade afectiva, apoio dado, e conflito - parecem estar associadas às 3 dimensões do bem-estar subjectivo – satisfação com a vida, afectos positivos e afectos negativos.

Outros estudos apontam para uma influência muito reduzida da solidariedade sobre o bem-estar. O estudo de Lowenstein & Ktaz (2005) conclui que a solidariedade familiar tem um pequeno impacto na satisfação com a vida. Para a geração dos filhos adultos apenas a solidariedade afectiva se encontra significativamente associada à satisfação com a vida. Quanto mais próximos se sentem maior é a sua satisfação com a vida. Para a geração dos pais, ambas as solidariedades afectiva e funcional se encontram significativamente correlacionadas com a satisfação com a vida. Quanto mais próximos se sentem dos filhos e quanto mais assistência dão, maior é a sua percepção da satisfação com a vida. Nas gerações mais velhas, a percepção da saúde pessoal é o factor mais importante, enquanto que para as gerações dos filhos, o factor mais determinante é o nível de vida e a situação profissional. Katz (2009) conclui igualmente que os recursos pessoais (funcionamento físico e estatuto financeiro) são mais fortes preditores da satisfação com a vida, do que as relações familiares.

Outros estudos apontam ainda para a inexistência de qualquer relação entre solidariedade e bem-estar (McCarnish-Svensson e tal, cit in Katz, 2009) ou para um impacto negativo. Receber apoio pode ter efeitos negativos quando é acompanhado por sentimentos de desânimo por parte de quem dá o apoio ou de sentimentos de dependência e de perda de autonomia por parte de quem recebe o apoio (Schwartz, Trommsdorff, Albert, & Mayer, 2005). Efeitos positivos e negativos do apoio social também foram observados para quem dá o apoio. Dar apoio pode aumentar a auto-estima e o sentido de reciprocidade do dador (Pierce, Sarason, Joseph, & GHenderson, 1996 cit in Schwartz, Trommsdorff, Albert, & Mayer, 2005). No entanto, dar apoio pode ser sentido como fardo ou desespero. As razões para os filhos se sentirem sobrecarregado podem incluir factores objectivos e subjectivos não necessariamente correlacionados. A extensão do apoio pode exceder os recursos do dados ou pode interferir com os seus outros deveres ou papéis. Na sua forma extrema, a sobrecarga pode resultar em síndrome de *burnout* que acarreta perda de motivação para ajudar e valorização pessoal negativa (Pines, 1982 cit in *ibidem*). A pesquisa sobre

cuidadores familiares mostra que o apoio intergeracional que é acompanhado por sentimentos de culpa, raiva, ou ansiedade afecta negativamente o bem-estar e a saúde dos dadores (Brody, 1985; Bruder, 1998 cit in *ibidem*). Assim, a avaliação interna dessa suporte e a direcção das transferências intergeracionais parecem ser importantes factores para o sentimento de sobrecarga. Fazendo parte do contrato social das sociedades ocidentais, a percepção de não ir de encontro à norma de reciprocidade induz sentimentos de culpa e sentimentos de inadequação (Johnson, Danko, Darvill & Nagoshi, 1992). Isto por sua vez pode aumentar o sentimento de sobrecarga como resultado do apoio dado.

### **3.1 Norma da reciprocidade**

As relações intergeracionais repousam sobre duas normas básicas. A primeira diz respeito às obrigações parentais, o dever dos pais cuidarem dos seus filhos; a segunda remete para as obrigações filiais, o dever dos filhos cuidarem dos pais. A estas duas acresce a norma da reciprocidade, como um fenómeno transversal a todas as relações sociais. Ainda que este cuidar não dependa dos ganhos que se retiram ou retiraram do passado na relação e seja incondicional, cada indivíduo tem a noção de que deve de alguma forma retribuir o que recebeu. A reciprocidade nas relações entre pais e filhos tem sido objecto de muita investigação, sendo apontado como o princípio subjacente à transferência de tempo, de trabalho e de apoio financeiro entre gerações (Silverstein, Conroy, Wang, Giarusso & Bengtson, 2002). Esta reciprocidade é observada apenas na relação entre filhas adultas e os seus pais, facto que os autores associam ao maior envolvimento das filhas nesta relação (Rossi & Rossi, 1990, cit in Schwartz e tal, 2005). Esta reciprocidade não precisa de ser imediata ou equivalente ao investimento inicial para que a troca seja considerada equilibrada a longo prazo. Por exemplo, os investimentos parentais de tempo e afecto nos seus filhos dependentes podem ser, mais tarde, devolvidos reciprocamente sob formas instrumentais de assistência aos pais pelos filhos adultos.

A noção de “banco de apoio” foi desenvolvida por Antonucci (1990, cit in Silverstein et al, 2002) para interpretar padrões de trocas intergeracionais ao longo da vida e serve simbolicamente como um depósito de equidade que os pais constroem cedo no ciclo da vida familiar, investindo no bem-estar dos seus filhos. Este capital social é mais tarde retirado sob a forma de apoio social pelos filhos a qualquer momento, mas especialmente quando os pais desenvolvem dependências associadas à idade. Este modelo sublinha que apesar de nalguns momentos as trocas entre pais e filhos parecem desequilibradas, a reciprocidade é observada quando se considera o balanço de trocas ao longo do tempo das relações e não apenas em termos imediatos.

Da mesma forma, Bengtson (2001) considera que as famílias representam recursos significativos latentes que podem ser activados em tempos de necessidade. Refinamentos recentes do modelo original das 6 dimensões identificaram dois domínios gerais da coesão intergeracional: a solidariedade latente e a solidariedade manifesta (Silverstein & Bengtson, 1997). A solidariedade latente é representada por factores cognitivos e emocionais como os sentimentos de obrigação e proximidade emocional que ligam positivamente os membros da família positivamente uns aos outros. A solidariedade manifesta representa os aspectos funcionais da vida familiar, como as trocas de apoio emocional, instrumental e material. As formas latentes de solidariedade têm a capacidade de despoletar formas manifestas de solidariedade. Os teóricos da corrente desenvolvimental do ciclo de vida também sugerem que a integração familiar e o apoio prestado exibem um metabolismo caracterizado por mudanças entre latência e activação. Esta corrente foi caracterizada por Riley e Riley (1993 cit in Silverstein & Bengtson, 1997) como a “matriz de parentesco latente”, uma rede de membros familiares que oscilam entre serem dadores potenciais de apoio ou dadores efectivos de apoio mútuo. Este conceito serve para designar o facto dos membros da família poderem manter-se ausentes por longos períodos de tempo e apenas emergir como um recurso quando surge a necessidade, isto é, em tempos de crise ou de transições.

Podemos ainda verificar que dentro desta reciprocidade, o apoio entre gerações tende a seguir um sentido. Segundo Schwartz, Trommsdorff, Albert & Mayer (2005), o apoio ao longo da maior parte da vida, flui predominantemente dos pais para os filhos, mais do que vice versa, mesmo na vida adulta. Quando os filhos são adultos, enquanto que o apoio financeiro se faz tendencialmente de pais para filhos, o apoio funcional dos filhos adultos para os pais tende a ser igual ou ser maior do que o apoio dado pelos pais. Attias-Donfut, C., Ogg, J., Wolff, F. (2005) referem, pelo contrário, que a geração mais velha tende a ser o recipiente das transferências enquanto que geração pivot se encontra mais envolvida em dar tempo e dinheiro. No entanto, os autores fazem notar que a direcção deste fluxo de apoio para os mais velhos ou para os mais novos tem tendência a inverter-se. Os idosos que antes eram apoiados pelos filhos economicamente agora que têm maior autonomia física e financeira, apoiam os seus filhos. A este respeito salientam que a transferência de recursos dos filhos adultos para os pais não depende unicamente das necessidades dos pais mas também da sua situação, nomeadamente, financeira. Por fim, estudos indicam que embora o apoio dos filhos para os pais dependa dos investimentos financeiros e emocional feitos pelos pais sobre os filhos numa fase precoce da vida, de uma forma geral o apoio dos filhos aos pais tende a aumentar ao longo do tempo, mesmo quando as suas relações afectivas são de baixa qualidade (Silverstein et al, 2002).

### **3.2 Hipótese do “*stake intergeracional*”**

Segundo Richards, Bengtson e Miller (1989) as percepções são elementos cruciais nas interações pais-filhos e podem variar mediante a posição geracional. Em 1971 Bengtson e Kuypers colocam pela primeira vez a hipótese que os membros das gerações mais velhas tendem a perceber as relações intergeracionais de forma diferente das gerações mais novas. Os autores sugerem a existência de um *stake* (diferença) geracional nas percepções: os membros das gerações mais velhas devido ao seu investimento nas gerações mais novas tendem a focar-se nos aspectos positivos das suas relações e nas continuidades que existem entre eles. Pelo contrário, as gerações mais novas tendem a enfatizar as diferenças e a distância. Esta hipótese é especialmente relevante quando se considera a geração do meio, simultaneamente formada por membros que pertencem às gerações mais velha e mais nova. Enquanto que a geração do meio se encontra a negociar novas relações com os seus filhos adultos, podem estar simultaneamente a lidar com mudanças nas suas relações com os seus próprios pais. Inicialmente colocada para as díades de filhos jovens e pais adultos, Inicialmente colocada para díades de filhos adolescente e pais, a hipótese foi posteriormente comprovada para as idades mais avançadas no ciclo de vida (Giarusso, Stallings e Bengtson, 1995). Esta ideia de que a geração mais velha esta centrada na continuidade e na transmissão e de que geração mais novas esta centrada na autonomia e na inovação, tem traduzido o mecanismo fundamental para as diferenças entre pais e filhos adultos a vários níveis, nomeadamente, da coesão e do conflito (Giarusso, Stallings e Bengtson, 1995). O conceito, desde a sua primeira formulação como *stake desenvolvimental* tem sido alvo de uma expansão teórica, visível na adopção posterior do termo *stake geracional* e, mais recentemente, do conceito de *stake intergeracional*.

Segundo Rossi e Rossi (1990 cit in ibidem) esta tendência é influenciada por alguns factores: à medida que aumenta a idade das gerações, elas se tornam mais similares. Isto sugere que existe maior correspondência entre os relatos sobre a solidariedade intergeracional, nas díades mais velhas do que nas díades mais novas pois desenvolvimentalmente, os interesses e as motivações dos pais e dos filhos tornam-se mais similares com a idade; a proximidade residencial entre pais e filhos surge também como um importante preditor das diferenças. A disparidade entre os relatos de pais e filhos aumenta quando eles vivem separados; há maior acordo quando as díades são do mesmo sexo e quando as díades são de mulheres; as normas de obrigação filial também têm também aqui um papel. Quando as expectativas culturais da obrigação filial são elevadas para um determinada geração, esta tende a dar uma resposta mais positiva no que diz respeito à avaliação da relação. Como as obrigações familiares são mais fortes nas gerações mais velhas, é de esperar que os pais relatem mais solidariedade. Importa fazer notar que esta



diferença geracional é examinada sobretudo no contexto dos aspectos afectivos da relação pais-filhos. Segundo Shapiro (2004) ainda se sabe pouco acerca das diferenças nas respostas dos pais e filhos sobre outras dimensões, como as trocas intergeracionais e os contactos. Segundo o autor, a hipótese só é válida para a solidariedade afectiva. No seu estudo, os resultados indicam que existe um elevado grau de desacordo entre a forma como os filhos e os seus pais vêem a sua relação. Enquanto que os pais tendem a referir maior qualidade da relação, os filhos tendem a referir maior contacto e trocas de assistência. Apesar dos paradigmas teóricos terem evoluído para perceber os relatos divergentes da solidariedade afectiva, ainda não existe, segundo o autor, uma análise sistemática dos relatos divergentes de outras dimensões da solidariedade intergeracional.

### **3.3 Distância geográfica**

A proximidade geográfica entre pais e filhos é a variável de contexto mais relacionada com o apoio parental (Daatland & Lowenstein, 2005; Schwartz & Tronmmsdorff, 2005; Taylor, Robila & Lee, 2005). Existe uma forte relação positiva entre a frequência do contacto e a troca de apoio intergeracional (Silverstein et al, 1995) sendo por esse motivo uma dimensão que tem sido muito estudada nestas relações. No seu estudo sobre distância, contacto e relações intergeracionais entre avós e netos Taylor, Robila & Lee, (2005) referem que em vários estudos teóricos e empíricos sobre relações intergeracionais, a distância geográfica foi considerada o factor de influência mais óbvio que define a oportunidade de contacto entre avos e netos. Outros estudos com jovens estudantes referem que mesmo quando esse contacto declina, não há necessariamente um declínio da satisfação com a relação. Assim, o contacto intergeracional não coincide necessariamente com a qualidade da relação percebida (Silverstein & Bengtson, 1991).

Dentro desta proximidade geográfica, destaca-se o caso particular da co-residência, consciente de que é ténue a linha que diferencia as situações em que a co-residência é motivada por necessidades financeiras (índice de pobreza) das situações em que este traduz uma estratégia de apoio intergeracional. Embora ainda se verifique com alguma frequência, sobretudo nos países do sul da Europa, a co-residência entre pais e filhos adultos (já com filhos) é uma realidade em declínio. Alguns autores (Katthijs, D Vries, 2009) verificam que o declínio não corresponde de facto a um declínio nos contactos entre pais e filhos adultos. Existem na sequência vários estudos que apontam para as vantagens e desvantagens da cohabitação multigeracional (Harrigan, 1992 cit in Lowenstein & Katz (2005) e que referem que se não se verificam diferenças significativas para a solidariedade afectiva entre os que cohabitam e não cohabitam, a solidariedade funcional parece ser muito maior nas famílias que cohabitam, apesar de ser frequentemente subvalorizada. Está ainda

provado que a coabitação está relacionada com baixos níveis de conflito e com fortes interações de apoio (Knodel, 1995 cit in Lowenstein & Katz (2005). Os autores sublinham igualmente que, por outro lado, esta situação pode originar numerosas pressões pelas perdas de espaço pessoal e de privacidade que implica, especialmente se o filho tem responsabilidades como prestador de cuidados,

### **3.4 Familismo**

No âmbito do familismo constatamos que grande parte dos estudos se debruçam sobre as normas filiais. As normas das responsabilidades filiais são um aspecto do conceito mais alargado de familismo e referem-se à expectativa generalizada do que os filhos adultos têm o dever de dar apoio aos seus pais idosos Segundo Silverstein & Yang (2006) apesar das normas internalizadas poderem ser um ponto de partida para percebermos como funcionam os papéis familiares na prática, eles predispõem mais do que determinam, portanto são necessários mas não suficientes para explicar os comportamentos nas famílias contemporâneas. Os resultados do seu estudo mostram que os factores que empurram (normas dos filhos) e os factores que puxam (necessidades de cuidados de saúde dos pais) operam de forma sinérgica para estimular o comportamento de apoio dos filhos. Embora as normas filiais sejam distintas das intenções pessoais de dar apoio e dos comportamentos de apoio em si, é de esperar que quanto mais os filhos aderem às normas das obrigações familiares, mais apoio dão aos pais. Alguns autores referem que à semelhança de outras normas familiares tradicionais, as normas filiais têm-se enfraquecido ao longo do tempo, sendo o contacto com os pais actualmente mais uma opção do que uma obrigação (Katmijn & De Vries, 2009). Os autores acrescentam ainda que a perspectiva dos pais sobre estas obrigações também parece ter-se modificado. A ideia tradicional de que os idosos podem contar com os seus filhos adultos como fontes de apoio em caso de necessidade é substituído gradualmente pela ideia de que devem ser independentes e autónomos dos filhos, sendo frequente o desejo dos idosos em não serem uma sobrecarga para os seus filhos, mesmo em caso de necessidade.

No seu estudo sobre o impacto dos valores familiares, Schwartz, Trommsdorff,, Albert, & Mayer, B. (2005) confirmam que troca de apoio é influenciada pelas normas do familismo (força do compromisso com normas e obrigações familiares) e pela solidariedade afectiva (a qualidade emocional da relação). De acordo com o modelo intergeracional, um forte compromisso com normas de familismo, aliada a uma relação próxima e positiva, aumenta a troca de apoio. O apoio funcional e afectivo é influenciado pelos valores relativos às obrigações dos filhos adultos e da interdependência dos membros da família. Deste modo, valores elevados obrigações filiais estão associados a trocas de apoio mais variadas

e recíprocas (Rossi e Rossi, 1991). Vários estudos comprovam: igualmente que as normas dos filhos adultos sobre obrigações familiares estão associadas positivamente à proximidade afectiva (Bengtson, & Roberts, 1991) e com maior apoio dado aos pais (Ikking, & Knipscheer, 1999 cit in Schwartz, Trommsdorff, Albert & Mayer (2005). Segundo Rossi e Rossi (1991) as variações nas obrigações familiares podem ser explicadas pelas variáveis idade, estatuto civil e educação. Assim, as obrigações familiares tendem a ser mais fortes para as gerações mais velhas e diminuem de força à medida que a sociedade se torna mais individualista. A um maior nível de educação parece estar também associado um menor impacto das normas e ao estado civil de casado corresponderá uma maior força das obrigações familiares.

### **3.5 Conflito**

Vários estudos comprovam que a extensão do apoio que os filhos adultos dão aos pais depende muito da qualidade da relação afectiva que existe entre os dois (Rossi & Rossi, 1991; Silverstein et al, 1995). Segundo Clarke, Preston, Raskin e Bengtson, (1999) o conflito, assim como a solidariedade, faz parte das relações intergeracionais ao longo da vida, embora as pesquisas sobre o conflito sejam ainda escassas. Segundo os autores as pesquisas não se têm debruçado sobre o conflito por várias razões: os conflitos nas famílias de idade tardia são muitas vezes percebidos como pouco importantes, comparando com os níveis de conflito relatados em períodos mais precoces do ciclo de vida, como por exemplo, quando filhos eram adolescentes; os pais tendem a ser mais positivos nos relatos em qualquer fase da sua vida, como confirma a hipótese do *stake intergeracional* existem dificuldades em operacionalizar e conceptualizar o conflito (o que é o conflito e como pode ser avaliado); a maior parte dos estudos sobre o conflito entre pais e filhos têm uma abordagem quantitativa, sobre a frequência, intensidade ou duração do conflito, o que pode mascarar os aspectos fenomenológicos e qualitativos do fenómeno.

Segundo Birditt, Miller, Fingerman e Lefkowitz, (2009), o conflito, quando existe, tende a ser maior nas relações entre mães e filhas (facto que os autores explicam pelo facto das relações com as filhas tendem a ser emocionalmente intensas, envolvendo mais proximidade e, por conseguinte, também mais conflito) e a ser menor nas relações com filhos mais velhos, devido a sua maior autonomia. Clarke e colaboradores (1999) salientam que o desgaste contínuo de recursos emocionais envolvido na manutenção de relações conflituais pode resultar num menor bem-estar físico e psicológico. O conflito e os seus efeitos emocionais podem diminuir a disponibilidade dos indivíduos de participarem na prestação de cuidados e levá-los a restringirem a frequência ou duração do apoio dado aos pais em necessidade. Para além dos aspectos relativos à frequência, intensidade e duração do conflito, outros estudos dedicam-se à identificação das áreas de conflito (Clarke, Preston,

Raskin, Bengtson, 1999) e dos motivos que estimulam o conflito, (Birditt, Miller, Fingerman, Lefkowitz, 2009). Os seus resultados desafiam a ideia que existe pouco conflito nas famílias, confirmam que tanto pais como filhos têm percepção deste conflito e que pais e filhos divergem na percepção que têm do impacto destes motivos. Com base neste tipo de resultados, Fingerman (1996, 2001 cit in *ibidem*) expandiu a hipótese do *stake desenvolvimental* através do conceito de *cisão desenvolvimental* (*developmental schism*) para se referir às diferenças de percepção que existem entre pais e filhos sobre o conflito que existe na sua relação, derivadas das suas diferentes necessidades desenvolvimentais e diferentes graus de investimento na sua relação.



## **Capítulo II**

### **Enquadramento Empírico**

## **1. Objectivos, variáveis e hipóteses de estudo**

O presente estudo tem como objectivo geral salientar a importância e complexidade das redes de apoio recíproco que se estabelecem entre membros de famílias nucleares e alargadas, nomeadamente, entre mães e filhas adultas que são igualmente mães. Este interesse tem por base a ideia de que a família, na sua concepção alargada, não só não perdeu o seu valor nos tempos de hoje como, se tem revestido de uma importância crescente, face às exigências de adaptabilidade impostas pelas transformações demográficas, políticas e culturais actuais.

No âmbito dos estudos intergeracionais, o estudo tem como objectivos específicos: (1) evidenciar as características de reciprocidade e de percepção desta rede recíproca de apoio que se estabelece entre mães e filhas adultas; (2) analisar a influência desta rede de apoio intergeracional nos níveis de bem-estar de quem dá e recebe este apoio; (3) analisar a influência, sobre esta rede de apoio, dos valores de familismo dos indivíduos e da percepção do conflito presente nas suas relações (factores de natureza pessoal e relacional), assim como, da distância geográfica entre os indivíduos (factor de natureza estrutural); (4) proceder à adaptação e verificação das qualidades psicométricas dos instrumentos, nomeadamente, da sua validade de construto.

O impacto do apoio familiar intergeracional sobre o bem-estar das famílias constitui o foco central do nosso estudo. A variável dependente – o Bem-estar Psicológico – é definida como o funcionamento positivo do indivíduo em várias dimensões que envolvem a relação do sujeito consigo próprio, com o seu meio, com os outros e com o seu futuro. É avaliada através da Escala de Bem-estar Psicológico (Ryff, 1989). A variável independente – a Solidariedade familiar Intergeracional – é definida como uma complexa e orgânica rede de apoio estabelecida entre os membros de diferentes gerações dentro de uma mesma família. É avaliada através do Índice de Solidariedade Familiar Intergeracional (Bengtson & Roberts, 1991). Outras variáveis são apontadas na literatura como tendo influências determinantes na força, na forma e na natureza desta relação entre solidariedade familiar intergeracional e o bem-estar. Entre estas, destacamos: (a) o familismo, definido como os valores que reforçam a interligação e responsabilidade mútua dos diversos membros da família alargada e avaliado através da subescala de Familismo na Escala de Familismo/Individualismo (Fontaine & Matias, 2001); (b) o conflito, definido como as tensões, desacordos entre diferentes membros da família, tendo em conta as suas dimensões afectiva, atitudinal e comportamental, e avaliado através da subescala de Conflito na Escala de Ambiente Familiar (Coimbra e Gonçalves, 1997).

As variáveis sócio-demográficas consideradas no nosso estudo foram apontadas em diversos estudos como factores de influência nas relações familiares e no bem-estar subjectivo (Marcoen, 2005; Katz, 2009; Lowenstein, 2007) (cf. Anexo 4). Algumas destas variáveis foram posteriormente recodificadas para facilitar a caracterização da amostra e a leitura dos dados, como podemos confirmar mais adiante no quadro de caracterização da amostra (cf. Quadro 1).

A partir de uma revisão teórica efectuada no domínio das relações familiares intergeracionais e a partir dos resultados encontrados em estudos empíricos, foram abordadas as seguintes hipóteses de estudo:

(H1) A primeira hipótese procura confirmar a existência de uma relação entre a solidariedade que existe dentro das famílias e o bem-estar dos membros dessas famílias. Os estudos apontam para uma correlação positiva entre estes dois aspectos em geral (Antonucci e tal, 1996; Fernandez-Ballesteros e tal, 2001; Rossi & Rossi, 1990) e mais particularmente para a dimensão afectiva, em particular. (Lowenstein e Katz, 2005): **A uma maior solidariedade familiar Intergeracional está associado um maior bem-estar psicológico. Esta associação é mais forte quando a dimensão afectiva é considerada.**

(H2) A segunda hipótese procura confirmar a norma da reciprocidade. Segundo esta norma, o apoio entre os membros da família é recíproco, isto é, os indivíduos dão apoio e também recebem, estando sempre presente esta expectativa de retorno (Silverstein, Conroy, Wang, Giarusso e Bengtson, 2002). Este apoio recebido tende a estar directamente relacionado com o apoio dado e vice-versa, ainda que o apoio dado possa ser retribuído de forma adiada no tempo ou sob outro formato. Contudo, procuramos confirmar aqui a reciprocidade imediata do apoio de tipo funcional entre as duas gerações assumindo que o estatuto de autonomia de ambas as gerações reforce a possibilidade de ajuda mútua e contingente: **Quanto maior é a percepção do apoio dado, maior é a percepção do apoio recebido.**

(H3) A terceira hipótese procura confirmar a hipótese do *stake desenvolvimental* (Bengtson & Kuypers, 1971) que defende que, de uma forma geral, as gerações mais velhas tendem a perceber de forma mais positiva as suas relações com as gerações posteriores do que o inverso, por diversas razões sobretudo de natureza motivacional. O facto das filhas se encontrarem em processo de autonomização da família tende a reforçar nelas uma percepção menos positiva das relações familiares. Por outro lado, o facto das mães se encontrarem mais centradas na continuidade e coesão familiar, e portanto mais investidas na relação, promove nelas uma percepção mais positiva dessa mesma relação:



**As mães têm a percepção que existe mais solidariedade na família do que as filhas. Isto sobretudo quando se trata da dimensão afectiva da solidariedade.**

(H4) A quarta hipótese procura averiguar o impacto da proximidade geográfica sobre a solidariedade familiar intergeracional. A distância física entre os membros das famílias tem sido uma variável largamente estudada (Daatland & Lowenstein, 2005, Shwartz e Trommsdorff, 2005) e os estudos confirmam, de forma consensual, o impacto deste aspecto estrutural na solidariedade entre gerações, nomeadamente, no que diz respeito ao apoio funcional. Os estudos dão ainda especial relevo à situação de coabitação, com resultados contraditórios no que diz respeito ao seu impacto na solidariedade ou no bem-estar (Katthijs e De Vries, 2009). Se em geral a co-habitação reforçam o apoio funcional entre as gerações por outro lado pode aumentar a possibilidade de ocorrerem conflitos entre estas. Na sua maioria, os estudos confirmam que a proximidade reforça os laços geracionais: **A uma maior distância geográfica corresponde uma menor solidariedade funcional e vice-versa.**

(H5) A quinta hipótese procura averiguar o impacto dos valores do familismo na solidariedade intergeracional. A influência dos valores, designadamente, da cultura familiar tem sido alvo de grande atenção por parte dos estudos neste domínio, nomeadamente, dos estudos que comparam diferentes países (Silverstein e Yang, 2006; Daatland & Herlofson, 2003). Os seus resultados comprovam que a uma maior adesão dos indivíduos aos valores que remetem para a coesão familiar e para a interdependência dos seus membros, corresponde um maior contacto e apoio intergeracional. Embora os valores que as pessoas têm em relação ao apoio familiar não tenham necessariamente uma tradução directa nos seus comportamentos, é esperado que orientem as suas acções nesse sentido: **A um maior familismo está associado a maior solidariedade funcional.**

(H6) A sexta hipótese procura confirmar que não existe uma relação significativa entre o conflito e a solidariedade. A introdução do conceito de conflito ao paradigma da solidariedade familiar por Silverstein e Bengtson (1997) surgiu a partir do reconhecimento deste aspecto como parte integrante e inseparável das relações humanas, passível de coexistir com as relações de solidariedade. Os seus autores salientam que solidariedade e conflito são dois conceitos distintos e independentes, na medida em que podem existir nas mesmas relações sem que a presença de um condicione a presença de outro. Assim, apesar das famílias reconhecerem a existência de tensões, desadorno e conflitos, podem igualmente reconhecer a existência de afecto, contacto e suporte mútuo: **Não existe qualquer relação entre solidariedade e conflito.**

## **2. Método**

### **2.1 Participantes**

A Amostra total é de 98 sujeitos, de entre os quais, metade (50%) são mães e outra metade (50%), são as suas filhas. a amostra foi seleccionada a partir de um dos elementos da díade. Os critérios de selecção da amostra foram os seguintes: (a) as mães deviam ser mulheres adultas com pelo menos uma filha, tendo ela própria pelo menos um/a filho/a (aqui o sexo do(s) neto(s) é irrelevante); (b) as filhas deviam ser mulheres adultas com mãe viva e com pelo menos um/a filho/a. Assim a amostra é constituída unicamente por indivíduos de sexo feminino, num total de 49 díades, Na selecção das famílias procura-se controlar a variável nível sócio-económico, de modo a que em metade sejam de nível sócio-económico baixo e, na outra metade, de nível sócio-económico médio/médio alto. Este controlo foi efectuado através da selecção das fontes de encaminhamento dos sujeitos – duas instituições distintas com duas populações distintas no que diz respeito ao nível educacional e aos recursos económicos dos lares.

Como podemos constatar no quadro 1, na amostra total, as idades encontram-se compreendidas entre os 21 e os 85 anos, sendo a idade média de 49,20. Ao dividirmos a amostra entre três grupos (jovens adultos, dos 18 aos 30 anos; adultos, dos 30 aos 60 anos; idosos, a partir dos 60 anos), verificamos: na amostra de filhas, 14,28% de jovens adultas e 85, 71% de adultas; na amostra de mães 2,04% de jovens adultas, 55,10% de adultas e 42,86% idosas. As comparações incidiram essencialmente sobre as gerações.

Além da distribuição das idades das filhas e mães se sobrepor parcialmente, verifica-se que ambas as amostras encerram uma diversidade grande de situações no que diz respeito às configurações familiares. Dentro da amostra de filhas incluem-se: mães adolescentes, mães com filhos pequenos, mães com filhos adultos e mães já avós. Por seu lado, a amostra das mães inclui: avós com netos pequenos, avós com netos adultos, avós com bisnetos, assim como, avós com filhos mais novos que os seus netos.

A nossa amostra é composta na sua maioria por mulheres casadas. As filhas têm tendencialmente um nível de estudos superior ao das mães. No que diz respeito à situação profissional, os sujeitos encontram-se quase equitativamente distribuídos entre desempregados, empregados e reformados, sendo que a maioria das filhas está a trabalhar e a maioria das mães é reformada. As filhas tendem a ter profissões com melhores remunerações. A grande maioria das filhas é saudável e mais de metade das mães também o é, embora seja mais evidente a maior presença de alguma doença.

**Quadro 1 – Caracterização da amostra**

<b>Variáveis</b>	<b>Filhas (n=49)</b>	<b>Mães (n=49)</b>	<b>Total (n=98)</b>
<b>Idade - Média (DP)</b>	36,78 (7,03)	61,63 (10,22)	49,20 (15,24)
<b>Estado civil (%)</b>			
Casadas	75,5	51	63,3
Outras	24,5	49	36,7
<b>Nível escolaridade (%)</b>			
Até 9º ano	44,9	75,5	60,2
Acima 9ºano	53,1	24,5	38,8
<b>Situação prof (%)</b>			
Desempregado	34,7	26,5	30,6
Trabalhador	65,3	12,2	38,8
Reformado	0	61,2	30,6
<b>Profissão (%)</b>			
Remuneração mínima (s.m.n)	20,4	42,9	31,6
Remuneração de mínima até 1000€	30,6	20,4	25,5
Remuneração acima de 1000€	49	30,6	39,9
<b>Nível sócio-económico (%)</b>			
Baixo	49	51	50
Médio/médio alto	49	42,9	45,9
<b>Saúde (%)</b>			
Saudável	91,8	59,2	75,5
Doente	8,2	40,8	24,5
<b>Autonomia (%)</b>			
Faz tudo sozinha	67,3	75,5	71,4
Faz quase tudo sozinha	24,5	16,3	20,4
Faz alguma coisa sozinha	8,2	6,1	7,1
Não faz nada sozinha	0	2	1
<b>Distância (%)</b>			
Mesma casa	-	-	14
Perto (até 40km)	-	-	74
Longe (mais de 40km)	-	-	22

Mães e filhas apresentam-se em geral totalmente autónomas. Ao contrário do que seria de esperar, verificamos uma menor autonomia total por parte das filhas comparativamente às mães. Esta constatação é surpreendente e poderá não traduzir a realidade mas resultar de uma interpretação subjectiva do conceito de autonomia. Enquanto que as mães associam o conceito de autonomia à sua capacidade física e cognitiva para gerirem sozinhas a sua vida, verificamos que as filhas integram, neste conceito, a sua necessidade de assistência familiar devido a constrangimentos exteriores (menor

disponibilidade de tempo). Na realidade, apesar das filhas terem maior capacidade física para levarem a cabo as suas tarefas familiares, têm menor disponibilidade de tempo do que as suas mães. No que diz respeito à área de residência, a maioria das díades vive no grande Porto e a grande maioria vive perto uma da outra (menos de 40 km), mantendo um contacto regular (diário ou semanal) e pessoal entre si.

As profissões foram discriminadas pelos participantes nos questionários e posteriormente codificadas tendo em conta o salário correspondente. As profissões não remuneradas incluem o trabalho doméstico; as profissões com remuneração mínima (cerca de 475€/mês) incluem profissionais sem habilitações, como os serviços domésticos; as profissões com remuneração até 1000€ incluem profissionais com habilitações intermédias: empregadas de loja, de café, de fábrica, de restaurante, operadora de portagem, costureira, administrativa, auxiliar de geriatria, de acção directa e de acção educativa, cozinheira; as profissões com remuneração compreendida entre 1000 e 15000€ incluem profissionais com habilitações superiores: técnica superior de higiene e segurança no trabalho, de análises clínicas, engenharia civil, advogada, psicóloga, arquitecta, investigadora, enfermeira, educadora de infância, funcionária finanças, assistente social; e as profissões com remunerações superiores a 1500€ incluem profissionais com habilitações superiores, ligados à função pública ou ao trabalho independente: formadora, assessora de direcção, médica, comerciante, empresária, professora.

Para a determinação do nível sócio-económico foram somados o nível de estudos, a situação profissional e a profissão. Tendo em conta a elevada percentagem de dados omissos relativos às informações sobre o cônjuge, optámos por não incluir o nível estudos e a profissão do cônjuge. Desta fórmula resultaram 6 níveis diferenciados que recodificámos em apenas dois níveis para uma leitura mais clara dos resultados. Agrupámos no grupo “nse baixo” os 3 primeiros níveis e no grupo “nse médio/alto” os 3 outros níveis. Esta recodificação permite-nos verificar que na amostra total há uma distribuição ligeiramente desequilibrada dos participantes pelos dois níveis sócio-económicos, a favor do nível sócio-económico baixo na amostra das mães. Este facto é facilmente explicado pelo facto desta geração apresentar tendencialmente menores níveis de escolaridade, maior desemprego e/ou menores rendimentos profissionais.

## **2.2. Instrumentos**

Os instrumentos do nosso estudo são caracterizados tendo em conta o seu objectivo, o(s) seu(s) constructo(s) de base e respectivas dimensões, a sua base teórica, o seu formato (nº de itens e escala de respostas), as suas qualidades psicométricas de origem e a sua

aplicabilidade. Todos foram alvo de uma análise factorial com recurso ao SPSS (cf. Anexo 6) e as suas qualidades psicométricas foram reapreciadas.

### **2.2.1 Escala de Bem-estar de Ryff (1989)**

Este instrumento (cf. Anexo 1.a) assenta teoricamente em 3 áreas da Psicologia: (1) a Psicologia Desenvolvimental, particularmente a perspectiva do desenvolvimento ao longo do ciclo vida que oferece numerosos conceitos de bem-estar, concebidos como uma progressão do crescimento contínuo ao longo da vida. Estas perspectivas incluem: o modelo de estágios de Erikson (1959) do desenvolvimento psicossocial, a formulação de Bühler (1935) de tendências básicas de vida em direcção à realização da vida as descrições do Neugarten (1968, 1973) sobre mudança de personalidade na vida adulta e terceira idade; (2) a psicologia clínica que oferece múltiplas formulações do bem-estar como o conceito de auto-actualização de Maslow (1968), a perspectiva do funcionamento completo da pessoa de Rogers (1961), a formulação de Jung (1933) da individuação e a concepção de maturidade de Allport (1961); (3) a saúde mental, que inclui a formulação de Jahoda (1958) sobre os critérios positivos da saúde mental e a concepção de Birren sobre o funcionamento positivo na vida tardia.

A escolha deste instrumento teve por base o facto desta escala: nos parecer bem fundamentada teoricamente, correspondendo a uma concepção mais actualizada de bem-estar, mais ajustada à realidade actual da família de hoje em dia; se encontrar fundamentada não apenas nos conceitos científicos mas igualmente na concepção subjectiva das pessoas a quem ela se dirige, nomeadamente, das pessoas idosas (Ryff, 1989); traduzir uma visão positiva do funcionamento do ser humano, não reduzida à ausência ou presença de disfuncionalidade, mas centrada na identificação de mecanismos de realização do potencial de desenvolvimento dos indivíduos; assentar num conceito mais amplo e diferenciado de bem-estar, que inclui factores não contemplados nos instrumentos que medem o bem-estar subjectivo, como a necessidade dos indivíduos terem um objectivo na vida, de realizarem o seu próprio potencial, de ter uma relação de qualidade com os outros e de terem um sentimento de controlo sobre a sua própria vida (Ryff & Keyes, 1995); apresentar-se uma escala pouco extensa e abranger conceitos amplos relativos a vivências centrais da existência comum) adequados às características sócio-demográficas da nossa amostra. São inúmeros os estudos que relacionam bem-estar e solidariedade intergeracional, no entanto, apesar de ser o instrumento mais conhecido para medir o bem-estar psicológico, a utilização desta escala ainda parece pouco difundida, na medida em que vem contrariar a tradição fortemente enraizada na utilização do conceito de bem-estar subjectivo ou na utilização de

instrumentos do âmbito da psicologia clínica, de avaliação da saúde mental(Landa et al, 2010).

A escala Bem-estar Psicológico de Ryff (1989) (cf. Anexo 1.a) tem subjacente a definição de bem-estar psicológico como o funcionamento positivo do indivíduo que inclui não apenas a percepção de si próprio e a relação as suas experiências de vida, mas igualmente a sua relação com os outros. É definido com base nas necessidades, motivações e atributos dos indivíduos. A escala procura avaliar a percepção que os indivíduos têm de si próprios na mais diversas áreas do seu funcionamento, traduzidas em seis dimensões confirmadas pela análise factorial dos autores (Ryff, 1995): (1) Autonomia: auto-determinação na forma de agir e pensar; independência em relação às pressões sociais expectativas e avaliações dos outros; (2) Mestria ambiental: controlo e competência para gerir o meio; capacidade para escolher, controlar ou criar contextos adequados às necessidades ou valores pessoais; capacidade para participar activamente nas mudanças do meio.; (3) Crescimento pessoal: capacidade para desenvolver continuamente e processo de expansão; abertura à experiência; realização dos próprios potenciais; mudança em direcção a um maior conhecimento e eficácia; (4) Relação positiva com o outro: capacidade de desenvolver relações calorosas, satisfatórias e de confiança; preocupação com o bem-estar dos outros; empatia e identificação na relação com os outros; (5) Objectivos de vida: sentido de directividade e intencionalidade sobre a vida; capacidade de reconhecer um sentido para a vida presente e passada, de construir metas para a vida; e (6) Auto-aceitação: atitude positiva em relação a si próprio; aceitação das qualidades e defeitos pessoais e do próprio passado. A escala é composta por 18 itens com uma escala da resposta de 1 – Discordo Totalmente a 6 – Concordo Totalmente. Tendo por base a reflexão falada efectuada com 4 sujeitos com baixos níveis de escolaridade, procedemos à alteração na formulação dos itens 12 e 16, substituindo respectivamente os termos “desafiem” por “questionem” e “experenciado” por “tido”.

Uma vez confirmada a factorabilidade dos dados ( $KMO=.70$  e Teste Bartlett com  $p<.001$ ) procedemos à análise factorial com extração e rotação Varimax. Uma estrutura em três factores parece ser mais interpretável em termos psicológicos, embora não confirme a estrutura inicial. Estes três factores explicam 49,91% da variância total. O primeiro factor, por nós designado por *desânimo aprendido* explica 17,40% da variância, o segundo factor, designado por *autodeterminação*, explica 16,55% e o terceiro factor, designado por *abertura à experiência* explica 16,20% da variância total pelo factor 3. A subescala do *desânimo aprendido* engloba todos os itens que traduzem um sentimento de fracasso continuado em

relação aos projectos de vida ou às relações afectivas. A subescala da *auto-determinação* abarca itens que traduzem um sentimento de confiança em si próprio e na sua capacidade de assumir a liderança da sua vida. A subescala da *abertura à experiência* engloba itens que traduzem uma visão positiva sobre a vida em geral, tanto do passado como do futuro, onde a mudança é encarada como um desafio. Estas subescalas valores de consistência interna adequadas: .74 para o *desânimo aprendido*, .74 para a *autodeterminação* e .73 para a *abertura à experiência* (cf. Quadro 2).

### **2.2.2 Índice da solidariedade familiar intergeracional de Bengtson & Roberts (1991)**

Este Índice (cf. Anexo 1.b) tem subjacente, como modelo teórico, a abordagem do ciclo vital. Tem por base a noção de que estruturas sociais amplas e que contextos sociais alargados afectam a vida da família e as relações, e visa a análise das relações familiares (como mudam ou se mantêm estáveis ao longo das vidas dos indivíduos e das famílias) e da relação destes de desenvolvimento com os seus múltiplos e evolutivos contextos históricos (Bengtson & Allen, 1993).

A identificação das suas dimensões surgiu no âmbito de um estudo - o Longitudinal Study of Generations (LSOG) - concebido por Bengtson e desenvolvido ao longo de trinta anos. O LSOG teve início em 1971 e inclui até ao momento 7 vagas de dados. A amostra do estudo incluiu membros relacionados de 300 famílias de 3 a 4 gerações à medida que cresceram e envelheceram durante um período de mudanças sociais e económicas importantes. O estudo analisou as relações de longa duração entre pais e filhos e entre netos e avós, como é que estas relações mudaram ao longo do tempo, e as consequências dessas mudanças no bem-estar dos membros das famílias ao longo das gerações. Foram identificadas seis dimensões da solidariedade intergeracional: afecto, associação, consenso, apoio funcional e troca, normas de obrigações familiares, e oportunidades estruturais ou barreiras (Roberts & Bengtson, 1990). O instrumento apresenta qualidades psicométricas consideráveis (Mangenm Bengtson, & Landry, 1998 cit in Bengtson, 2001), os resultados mostram-se estáveis ao longo do tempo e as dimensões estão correlacionadas.

Ainda que em permanente actualização, investigações posteriores demonstraram as várias vantagens deste modelo: foca-se na coesão familiar como um importante componente das relações familiares, particularmente, para promover o bem-estar psicológico na terceira idade (Silverstein & Bengtson, 1994) e até na longevidade (Silverstein e Bengtson, 1991); enfatiza que as relações intergeracionais são multidimensionais (Silverstein & Bengtson, 1997); tem uma aplicação que pode ser alargada a diferentes contextos sociais e culturais. Os investigadores usaram amplamente este modelo no estudo das variações nas relações pais-filhos adultos em diferentes grupos étnicos (p.e Kauh, 1997) e contextos internacionais

(p.e. Lowenstein & Ogg, 2003). Segundo Bengtson (2001), o paradigma da solidariedade tem sido provada como sendo útil na pesquisa por outros investigadores e tem sido visto como uma definição operacional da perspectiva teórica do curso vital. Existem duas vantagens para a utilização deste modelo, segundo o autor: as medidas baseadas nas dimensões da solidariedade fornecem um instrumento consistente e válido para avaliar as forças das relações dentro da família (Bengtson & Roberts, 1991) e a estrutura da solidariedade intergeracional é suficientemente abrangente para incluir formas latentes de solidariedade (Silverstein & Bengtson, 1997). O Index de Solidariedade Familiar Intergeracional (cf. Anexo 1.b) procura caracterizar as dimensões comportamentais e emocionais da interacção, da coesão, dos sentimentos e do suporte entre pais e filhos, avós e netos, ao longo de relações de longa duração (Bengtson, 2001). O conceito de solidariedade que lhe está subjacente é um conceito multidimensional, baseado num modelo desenvolvido por Bengtson e colaboradores (Bengtson & Roberts, 1991) que lhe atribui inicialmente 6 dimensões às quais foi adicionado posteriormente uma sétima dimensão – do conflito: (1) Solidariedade Afectiva: sentimentos e percepções positivos que os familiares têm sobre a sua relação com outros membros. Inclui a proximidade afectiva, a comunicação recíproca e a compreensão mútua. Foi codificada como 0- não existe a 5- excelente (6 ítems); (2) Solidariedade Associativa: tipo e frequência dos contactos face a face, por telefone, por correio e por mail entre os membros da família, tendo em consideração os últimos 12 meses (5 ítems). Foi codificada como 1 – nunca a 6 – todos os dias; (3) Solidariedade Consensual: concordância ou conflito de opiniões, valores e de orientações entre gerações (1 ítem) Foi codificada de 0-nunca a 5-sempre; (4) Solidariedade Funcional: assistência, o apoio dado e recebido entre gerações, incluindo os domínios das tarefas domésticas, transporte de pessoas ou compras, cuidados de saúde, cuidados de higiene e beleza, ajuda com a alimentação ou o vestir, informações ou conselhos, afecto, tomada de decisões, actividades recreativas, organização de festas familiares, tomar conta de crianças, dinheiro ou compra de bens, pagamento de serviços, partilha de domicílio. Foi codificada de 0 – nunca a 7-todos os dias. (14 ítems); (5) Solidariedade Normativa: expectativas em relação às obrigações filiais e parentais, assim como, as normas acerca da importância dos valores familiares/familismo (20 ítems). Foi codificada de 1-discordo totalmente a 6-concordo totalmente; (6) Solidariedade Estrutural: estrutura de oportunidades para as interacções entre gerações, remete para a proximidade geográfica entre os dois membros da família (2 ítems). Foi codificada como 1 – vive na mesma casa a 7 – em países diferentes; (7) conflitual: grau de crítica, tensão ou desacordo entre os membros. Foi codificada de de 0-nunca a 5-sempre.



Na sua forma original, o instrumento é composto no seu total por 34 itens. No formato usado no nosso estudo, o índice tem no seu total 48 itens, agrupados por dimensões, cada uma das quais com as suas opções de resposta, segundo uma escala de likert. Partindo do modelo inicial de Bengtson, procedemos algumas adaptações do instrumento aos objectivos do nosso estudo e à nossa amostra de participantes. Foram elaboradas duas versões da escalas, uma dirigida às Filhas (Versão Filhas) e outra dirigida às Mães (Versão Mães). Estas duas versões são idênticas em termos de conteúdo, diferindo no item 11 relativo ao apoio dado/recebido. Na versão filhas este item refere-se a “tomar conta dos filhos” e na versão mães a “tomar conta dos netos”.

A escolha deste instrumento foi motivada pela sua aplicabilidade nos mais diversos contextos e populações; por permitir uma caracterização bastante completa das redes de relações intergeracionais, ao ter em conta as suas dimensões mais objectivas e mais subjectivas, assim como, a sua natureza recíproca; por partir de um conceito de família amplo que abarca várias gerações da mesma família mas que inclui igualmente relações não familiares; por assentar numa perspectiva teórica fundamentada em estudos longitudinais que tem em conta o desenvolvimento ao longo da vida dos indivíduos e das suas famílias, resultado do cruzamento de factores micro e macrosociais; e, finalmente, por parecer-nos, na sua forma e conteúdo, adequado à população em foco no nosso estudo.

Com base na revisão da literatura (Marcoen, 2005) foram também incluídas no instrumento questões abertas que, embora não tenham sido tratadas estatisticamente neste estudo, são indicadas para futuros aprofundamentos. Mais concretamente, foram adicionados 4 itens à solidariedade funcional (itens 9,10,11 e 13) que incluem apoios relevantes na relação pais-filhos não contemplados na versão original. Foram ainda adicionadas questões abertas: 4 itens relativos à satisfação sentida com os apoios dados e recebidos, 1 item relativo ao momento sentido como de maior necessidade do apoio do outro (“em que momento da sua vida e por que razões precisou mais do apoio da sua...?”) e 1 item relativo às aprendizagens feitas no âmbito da relação com o outro (“o que aprendeu com a sua...?” e “o que gostaria que a sua...tivesse aprendido consigo?”), como forma de aceder a outros momentos de vida das participantes, para além do tempo presente.

A capacidade discriminativa dos itens foi avaliada através da análise estatística da distribuição dos resultados para cada item do questionário e considerada satisfatória. Antes de procedermos à análise factorial do instrumento, tivemos em consideração os resultados obtidos a este nível noutros estudos. No estudo de Katz (2009) sobre relações familiares intergeracionais e satisfação na vida, os autores procederam a uma análise factorial das 6 dimensões (excepto normativa), obtendo uma estrutura de dois factores. O primeiro inclui a

estrutural e associativa, o segundo inclui a afectiva, e consenso. Esta estrutura dual é semelhante à estrutura obtida por Bengtson e Roberts (1991) e Silverstein e Bengtson,(1994). A solidariedade funcional, recebida e dada, e o conflito não foram nestes estudos incluídos na estrutura de factores e foram tratadas como itens separados nas análises. Segundo Daatland & Lowenstein (2005) e baseados nos resultados do estudo OASIS, as dimensões desta escala originalmente 6, podem ser reduzidas a 4. A solidariedade pode assim ser expressa em termos de associativa, afectiva, funcional e normativa, excluindo-se a estrutural e a consensual. As análises factoriais feitas pelos autores não confirmaram a solidariedade consensual como uma dimensão distinta, nem permitiram considerar a solidariedade estrutural e a associativa separadamente. Assim, na nossa análise factorial optámos, igualmente, por não incluir estas três dimensões (consensual, estrutural e associativa). A primeira, por incluir apenas um item e as outras duas por não apresentarem uma distribuição normal e remeterem a aspectos de natureza mais estrutural.

A existência de coeficientes de valor igual ou superior a ,40 na matriz correlacional, o Teste de esfericidade de Bartlett significativo ( $p < .001$ ) e o valor do KMO de ,67 indicam que se encontram reunidas as condições para a análise factorial. No seguimento da exploração de várias estruturas optámos por uma estrutura factorial de 3 factores que designamos por *solidariedade normativa*, *solidariedade afectiva não conflitual* e *solidariedade funcional dada*. Estes 3 factores explicam 40,45% da variância total, dos quais 16,82% pelo factor 1, 13% pelo factor 2 e 10,68% pelo factor 3. Tendo em conta a existência de dois subgrupos marcadamente distintos de itens no factor 2 relativos à dimensão conflitual (saturados negativamente) e à dimensão afectiva (saturados positivamente) e com considerável consistência interna, optámos por ter em consideração estes dois grupos de itens separadamente. Eliminámos 7 itens da escala sem qualquer coeficiente de saturação acima de .4. A análise da consistência interna das escalas revela valores de alpha de Cronbach aceitáveis para cada uma das subescalas: .90 para a subescala da *solidariedade normativa*, .95 para a subescala da *solidariedade afectiva*, .79 para a subescala da *solidariedade conflitual* e .83 para a subescala da *solidariedade funcional dada*.

Uma estrutura idêntica foi encontrada para a escala que inclui os itens da solidariedade recebida. Os três factores explicam 44,20% da variância total, dos quais 16,80% pelo factor *solidariedade normativa*, 14,42% pelo factor *solidariedade funcional recebida* e 13% pelo factor *solidariedade afectiva não conflitual*. Procedemos à inversão de 4 itens relativos ao factor 3 e eliminámos 5 itens da escala que não apresentavam qualquer coeficiente de saturação. A análise da consistência interna das escalas revela um valor de alpha de .87 para a subescala da *solidariedade funcional recebida* (cf. Quadro 2)

### **2.2.3 Escala de Familismo/Individualismo de Matias & Fontaine (2003)**

A subescala do Familismo (cf. Anexo 1.c) utilizada no nosso estudo encontra-se integrada numa escala mais abrangente que para além desta subescala, inclui um subescala de individualismo. Estes instrumento procura avaliar importância que os jovens atribuem aos valores familiares, tendo em conta as dimensões do familismo e do individualismo. O familismo diz respeito ao grau de adesão incondicional aos valores familiares e o individualismo ao grau de distanciamento do indivíduo em relação a esses mesmos valores. Segundo as autoras (Fontaine & Matias, 2003), o familismo é definido a partir de características estruturais, atitudinais e comportamentais que operam no sistema da família extensa e remete para a percepção de direitos, deveres e obrigações que os membros da famílias sentem em relação à família. A dimensão mais estrutural diz respeito às fronteiras sociais e espaciais dentro das quais os comportamentos ocorrem e as atitudes adquirem significado (Valenzuela & Dornbusch, 1994 cit in Fontaine & Matias, 2003). A dimensão atitudinal refere-se à identificação do sujeito com os interesses e bem-estar da família, traduz-se pela coesão familiar e envolve os diferentes graus de vinculação e de afinidade durante o contacto com os membros da família, bem como a preocupação pela perpetuação da família. A dimensão comportamental envolve a interligação completa das actividades individuais com vista à concretização de objectivos familiares, bem como o apoio, a protecção e a assistência aos membros que dela necessitam. O familismo enfatiza, assim, a interligação e a responsabilidade mútua dos diversos membros da família extensa e é descrito por duas dimensões: (1) solidariedade familiar: apoio emocional e material entre membros da família próximos; (2) poder familiar: influência do poder da entidade familiar na orientação do comportamento do sujeito.

O instrumento é composto por 29 itens e encontra-se adaptado à população portuguesa. No estudo de Matias & Fontaine (2003) as análises factoriais indicam consistências internas consideráveis para cada um dos 3 factores: solidariedade familiar, poder familiar e individualismo. No nosso estudo foram apenas utilizados 6 itens da subescala da solidariedade e 2 itens da subescala do poder familiar, com uma escala de resposta 1- discordo totalmente a 6- concordo totalmente, uma vez que já alguns itens já se encontravam abrangidos na subescala da solidariedade normativa ou por considerarmos que não se adequavam à nossa amostra de adultos. A escolha deste instrumento em particular para avaliar a dimensão dos valores de familismo teve por base o facto de se encontrar adaptado à população portuguesa, de ter na sua origem uma revisão exhaustiva de vários instrumentos disponíveis a nível internacional e, assim, cobrir um leque alargado de características dimensionais.

A análise factorial foi desenvolvida tendo em conta o valor de KMO=.84 e o valor significativo do teste de Bartlett ( $p<.001$ ). Foram extraídos dois factores que confirmam a estrutura da escala original e que são designados por *solidariedade familiar* e *poder familiar*. Estes dois factores explicam, no seu conjunto, 57,29% da variância total, sendo 30,03% explicada pela *solidariedade familiar* e 27,26 % pelo *poder familiar*. A subescala da *solidariedade familiar* reúne 6 itens que remetem para deveres de obediência ou de conformidade de comportamentos em relação a um padrão comportamental ou a uma autoridade familiar e apresenta um alpha de Cronbach de .83. A subescala de *poder familiar* reúne 5 itens e que remetem para comportamentos de apoio ou proximidade em relação aos membros da família e apresenta um alpha de .82 (cf. Quadro 2)

#### **2.2.4 Escala do Ambiente Familiar (Gonçalves & Coimbra, 1997)**

A escala do Ambiente Familiar (cf. Anexo 1.d) é uma adaptação à população portuguesa da *Family Environmental Scale* – Forma R (FES) de Moos & Moos (1986), desenvolvida para medir as características sociais e ambientais das famílias. Na sua forma R (*real form*), mede as percepções sobre os contextos actuais da família. É baseada numa conceptualização tri-dimensional das famílias: (1) A relação: coesão, expressão e conflito; (2) o crescimento pessoal: independência, orientação para o sucesso, orientação intelectual e cultural, orientação activa e recreativa, e ênfase moral e religiosa; (3) A manutenção do sistema: organização e controlo. Com base nos scores totais as famílias são agrupadas numa das 3 tipologias de ambiente familiar conforme as suas características mais proeminentes. A subescala do conflito é, na sua versão original, composta por 9 itens. Na nossa versão, a escala é constituída por 10 itens com uma escala de respostas de 0 – Nunca a 5 – sempre. A escala encontra-se fundamentada teoricamente na perspectiva sistémica segundo a qual os comportamentos dos membros de uma família se influenciam mutuamente, permitindo uma compreensão ecológica das dinâmicas familiares e do funcionamento de cada um dos seus membros

Na adaptação levada a cabo por Gonçalves & Coimbra (1997) a análise factorial obtida reformula a estrutura original de 10 factores e confirma uma estrutura factorial de 6 factores, com valores consideráveis de consistência interna, nomeadamente com um coeficiente de .75 para a subescala do Conflito. Uma reformulação do instrumento levada a cabo pelos mesmos autores em 2003 aponta para algumas diferenças. Entre as diferenças verificadas nestes dois estudos (1997 e 2003), uma delas diz respeito à eliminação da subescala do conflito cujos nove itens se dispersaram entre outras 3 subescalas do instrumento.

Apesar destes resultados mais recentes porem em causa a consistência e validade desta subescala, optámos por mantê-la tendo em conta as novas condições da amostra do

presente estudo e uma vez verificada a sua consistência interna. As razões que fundamentam a escolha do instrumento têm a ver com o facto de permitir a compreensão, num contexto ecológico, de como as interacções das dinâmicas familiares podem interferir no funcionamento de cada um dos seus membros (Moos & Moos, 1986 cit in Coimbra e Gonçalves, 1993) e deste modo se inscrever no paradigma da solidariedade. É amplamente utilizada nos estudos que visam a avaliação das dimensões do sistema familiar e da intervenção em terapia familiar.

Foram feitas algumas alterações na escala que consistiram na anulação e na integração de novos itens. Estas alterações devem-se, por um lado, à não introdução de alguns itens da sub-escala, uma vez que estes itens já se encontravam presentes no índice da Solidariedade. Por outro lado, devem-se à introdução de novos itens que julgámos pertinentes contemplar tendo em conta uma revisão da literatura, que aponta para a complexidade e para a ambivalência naturalmente presente nas relações familiares. Foram, deste modo, introduzidos itens que julgamos vir atender à subjectividade destas relações, incluindo sentimentos positivos, como a gratidão, a aceitação e a admiração e também sentimentos negativos, como a vergonha e o ressentimento.

Verificadas as condições de factorabilidade ( $KMO = .84$  e teste de esfericidade de Bartlett com  $p < .001$ ), procedemos à análise factorial da escala com extração e rotação varimax. Das várias estruturas exploradas optámos por uma estrutura de dois factores por considerar-se que seria aquela que melhor explicaria os dados. Os dois factores explicam no seu conjunto 49,80% da variância total, sendo 31,87 explicada pelo factor por nós designado por *visão negativa* e 17,93 pelo factor por nós designado por *gestão conflituosa*. A subescala da *visão negativa* abrange itens que traduzem pensamentos depreciativos acerca do outro e apresenta um alpha de Cronbach de .79. A subescala da *gestão conflituosa* inclui itens que traduzem comportamentos de resolução violenta dos conflitos e apresenta um alpha de Cronbach de .81, após lhe ter sido retirado o item 2 da escala, relativo à expressão de zanga (“quando estou zangada com a minha...mostro-o”) (cf. Quadro 2).

**Quadro 2 - Consistência interna das escalas.**

Escala	Dimensões	Alpha de Cronbach
Bem-estar	Desânimo Aprendido	.74
	Autodeterminação	.74
	Abertura à experiência	.73
	Funcional dada	.83

Solidariedade intergeracional	Funcional recebida	.87
	Afectiva	.95
	Normativa	.90
	Conflitual	.79
Valores	Solidariedade familiar	.83
	Poder familiar	.82
Conflito	Visão negativa do outro	.79
	Gestão conflituosa de problemas	.81

Do exposto, conclui-se que as qualidades psicométricas dos instrumentos autorizam a sua utilização para a comparação de grupos e que se tratam de instrumentos fiáveis e válidos. Apesar dos dois instrumentos utilizados para medir as nossas variáveis dependente e independente não terem sido utilizados na população portuguesa, podemos verificar que reúnem qualidades psicométricas consideráveis para a nossa amostra, partilham uma mesma concepção sistémica e ecológica das relações familiares e abrangem um conjunto amplo de dimensões que, segundo a literatura, são distintas e se encontram relacionadas entre si. Não obstante, dado o tamanho reduzido da nossa amostra, prevemos deparar-nos, à partida, com algumas limitações no que diz respeito aos tratamentos estatísticos e à generalização dos resultados.

### **2.3 Procedimento de Recolha de Dados**

A selecção da amostra foi feita através do contacto com duas instituições: uma organização não governamental de apoio humanitário e um Infantário privado, ambas situadas na cidade do Porto. A primeira possui como valências um centro de Dia e apoio domiciliário para Idosos, Gabinete de Inserção Profissional, Centro de Novas Oportunidades e Lavandaria e a segunda integra as valências de Creche, Jardim de Infância e ATL. No seguimento de carta formal de apresentação do projecto de investigação, ambas as instituições aceitaram colaborar no encaminhamento dos participantes e na disponibilização de espaço físico para a realização das entrevistas. O contacto foi feito, por norma, através das filhas que, posteriormente, forneceram os contactos das suas Mães, mediante acordo destas últimas. A opção de iniciar o contacto através das Filhas deveu-se à maior acessibilidade destas ao investigador, pelo facto de serem tendencialmente as primeiras utentes ou clientes destas duas instituições e do contacto com a geração das mães ser muito facilitado e, por vezes, depender totalmente desta mediação.

Construímos um protocolo de investigação constituído por um questionário sócio-demográfico e as quatro escalas (conf. Anexo 3). Antes de procedermos à aplicação da escala, procedemos à reflexão Falada do protocolo através da administração do mesmo a

cinco pessoas. Destas cinco, uma era proveniente de um nível sócio-económico e cultural elevado e as restantes de nível sócio-económico e cultural baixo, de forma a garantir a adequação do instrumento à amostra utilizada neste estudo. A administração dos protocolos foi feita pela investigadora do presente estudo e de duas formas diferentes, mediante o parentesco, nível sócio-económico e estado de saúde das participantes. Esta opção foi tomada tendo em consideração as dificuldades expressas por parte das mães (sobretudo de maior idade) para preencherem de forma autónoma o questionário, quer pela menor escolaridade das mesmas, pela menor experiência com o preenchimento de documentos e pela sua maior debilidade física. Deste modo, a administração dos protocolos para um quarto da amostra total, composta na totalidade por mães, na sua maioria de nível sócio-económico baixo, foi feita por entrevista presencial com uma duração média de 50 minutos. A administração dos protocolos para os outros  $\frac{3}{4}$ , da amostra, composta na totalidade por Filhas e por mães na sua maioria de elevado nível sócio-económico, foi feita através da entrega do protocolo em envelope fechado, directamente ou por via da filha, no seguimento de uma entrevista individual com a filha de duração média de 20 minutos, para apresentação do protocolo e explicação das instruções. Uma vez preenchidos, os protocolos foram devolvidos pelas participantes à instituição em envelope fechado. A ambas Mães e Filhas foi pedido expressamente que durante o período de preenchimento não trocassem entre si impressões ou informações sobre os protocolos. A duração média de entrega dos protocolos das Filhas foi de duas semanas. O período de administração decorreu entre Junho e Agosto, tendo sido administrado um total de 106 questionários, 8 dos quais foram anulados por se encontrarem incompletos.

Os principais obstáculos à administração do protocolo de avaliação deveram-se, numa fase de contacto inicial, à grande dificuldade em conciliar as disponibilidades de Mães e Filhas, em obter o consentimento das mães, tendencialmente mais desconfiadas de contactos com pessoas desconhecidas. Na fase de preenchimento do protocolo, as dificuldades tiveram mais a ver com o cansaço motivado pela extensão do protocolo. Este último aspecto pôde ser verificado através do comportamento não verbal dos participantes e inferido a partir da elevada taxa de não resposta às questões abertas.

### **3 Apresentação dos resultados**

#### **3.1 Análises descritivas**

Procedemos, numa fase inicial, a uma análise exploratória aos dados, para confirmarmos a existência de condições básicas para a utilização dos testes paramétricos,

nomeadamente, através da análise das médias dos scores totais para cada escala (cf. Anexo 6), da normalidade da distribuição dos dados e dos *outliers*. Esta pesquisa permitiu-nos detectar alguns erros cometidos na introdução dos dados e fundamentar a nossa opção de excluir uma díade da amostra. Os sujeitos da díade em questão representavam *outliers* com valores muito díspares em relação à média dos sujeitos para três dimensões da solidariedade (afectiva, associativa, conflitual) e para uma dimensão do conflito (gestão conflitos), assim como, uma grande disparidade entre si. Relacionando os dados obtidos com as informações recolhidas em situação de entrevista, identificámos a díade em questão como a díade mais conflituosa da nossa amostra, caracterizada por uma longa história de desentendimentos graves, negligência e maus tratos, na perspectiva da filha, insanáveis e ainda presentes no momento actual. Este facto parece ter contribuído para a exacerbação das respostas da filha, diferenciando-as claramente das respostas da mãe, que por seu lado parecem ser reflexo de uma maior desejabilidade social. Tendo em conta que o resto da amostra se caracteriza por díades com relativa proximidade afectiva, optámos por excluir apenas esta díade que representa uma excepção face ao conjunto da amostra que poderia desvirtuar os resultados globais sem que isso permitisse uma melhor compreensão da sua situação em particular. Os restantes outliers, menos extremados, foram mantidos na amostra por representarem variações menos excepcionais. Optámos igualmente por substituir todos os valores omissos pela média de cada subescala de modo a facilitar a construção das escalas.

Os testes de normalidade efectuados indicam que os valores da solidariedade estrutural, associativa e consensual não apresentam uma distribuição normal por apresentarem respostas díspares e dificilmente comparáveis. Sendo assim, a solidariedade funcional vai ser usada para avaliar a distância geográfica entre díades, enquanto que a solidariedade associativa e a solidariedade consensual não vão ser consideradas neste estudo.

### **3.2 Análises comparativas**

#### **3.2.1 Relação entre Solidariedade e Bem-estar**

Para analisar em detalhe o impacto das várias dimensões da solidariedade sobre as várias dimensões do bem-estar (hipótese 1) procedemos a uma análise correlacional através do coeficiente de correlação de Pearson, na amostra total e ainda na amostra de filhas e na amostra de mães, separadamente. Tendo em conta a nossa expectativa em encontrar uma relação positiva entre as duas variáveis, optámos pela análise *one-tailed*. As análises preliminares para o estudo correlacional sugerem que se encontram confirmadas as condições de normalidade, linearidade e homoscedasticidade necessárias a este tipo de



análise. Uma análise mais detalhada dos resultados em função do parentesco permite-nos identificar correlações significativas entre várias subescalas, como podemos ver no quadro 3.

Na amostra **total**, verificamos que: (1) a um maior apoio recebido corresponde um menor sentimento de autodeterminação; (2) a um maior apoio afectivo corresponde um menor sentimento de desânimo aprendido; (3) a um maior sentido de obrigações familiares corresponde um maior sentimento de auto-determinação; (4) a um maior conflito corresponde um menor sentido de auto-determinação.

**Quadro 3 – Correlações entre Solidariedade e Bem-estar**

Variáveis	BEM-ESTAR								
	Desânimo aprendido			Autodeterminação			Abertura à experiência		
SOLIDARIEDADE	Filhas	Mães	Total	Filhas	Mães	Total	Filhas	Mães	Total
S.funcional dada							,247*		
S. funcional recebida					-,245*	-,242*			
Afectiva		-,482**	-,279**						
Normativa					,404**	,286**			
Conflitual		,258*			-,396**	-,228*			

\* $p < .005$ ; \*\*  $p < .001$

Na amostra das **filhas**, verificamos que: (1) a uma maior apoio funcional dado corresponde uma maior abertura à experiência; (2) a um maior conflito na relação corresponde um menor sentimento de auto-determinação.

Na amostra das **mães**, verificamos que: (1) a um maior apoio funcional recebido corresponde um menor sentido de autodeterminação; (2) a uma maior solidariedade afectiva corresponde um menor desânimo aprendido; (3) a um maior sentido de obrigações familiares corresponde um maior sentimento de auto-determinação; (4) a um maior conflito na relação corresponde a maior sentimento de desânimo aprendido.

### 3.2.2 Reciprocidade

Para analisar a relação entre o apoio dado e recebido procedemos à determinação do coeficiente de correlação entre estas duas dimensões da solidariedade: funcional dada e funcional recebida, na amostra das filhas, na amostra das mães e na amostra total. Como nos indica o quadro 4, os resultados apontam para a existência de uma correlação positiva

forte entre o apoio funcional dado e o apoio funcional recebido, tanto na amostra de filhas como de mães. Elevados níveis de apoio dado estão associados a elevados níveis de apoio recebido.

**Quadro 4 – Correlações entre Solidariedade Funcional dada e recebida**

Variável	Amostra	Funcional dada	Coef. Determ.
Funcional recebida	Filhas n=49	,626**	39,20%
	Mães n=49	,673**	45,30%
	Total n=98	,644**	41,50%

\*\* $p < .001$

### 3.2.3 Diferenças de percepção da relação entre mães e filhas

Para analisarmos as diferenças da percepção da solidariedade afectiva entre mães e filhas, procedemos a um teste de t para amostras independentes. Como podemos verificar no quadro 5, os resultados obtidos,  $t(96) = -.629$ , (n.s.), confirmam que não existem diferenças significativas entre as percepções que mães e filhas têm da sua relação afectiva.

**Quadro 5 - Diferenças de médias da solidariedade afectiva entre mães e filhas**

Variável	Amostra	N	Média	DP
Solidariedade afectiva	Filha	49	22,47	7,174
	Mãe	49	23,33	6,283
	Total	98	22,90	6,72

### 3.2.4 Distância geográfica

Para analisarmos o impacto da distância geográfica na solidariedade procedemos a uma análise multivariada (MANOVA). Como podemos verificar no quadro 6, os resultados indicam que existe uma diferença significativa entre os 3 grupos de indivíduos: aqueles que coabitam, aqueles que vivem até 40km e aqueles que vivem a mais de 40km. A análise de variância revelou que as diferenças são significativas apenas para as dimensões da solidariedade funcional dada e da solidariedade funcional recebida,. Mais concretamente, o teste *post hoc* indica que existem diferenças significativas entre, por um lado, os indivíduos que coabitam e, por outro lado, os que não coabitam. Neste último grupo, não existem diferenças significativas em função da distância (cf Quadro 7).

**Quadro 6 - Solidariedade Funcional e Distância Geográfica**

Variável	Wilks' Lambda	F	Sig.
Solidariedade funcional	,517	7.114	.000

**Quadro 7. Diferenças de médias e desvios-padrão da solidariedade funcional em função da distância**

Variável	DISTÂNCIA		Diferença de médias	DP	Sig.
S. funcional dada	1	2	18.95	3.85	.000
		3	26.43	5.19	.000
S. funcional recebida	1	2	22.88	3.98	.000
		3	27.38	5.36	.000

Dist 1 – vive na mesma casa; Dist 2 – vive próximo (a menos 40 km); Dist 3 – vive longe (a mais de 40 km)

### 3.2.5 *Familismo*

Para analisarmos a relação entre o familismo e a solidariedade procedemos a uma análise das correlações entre as dimensões das duas variáveis para a amostra total, para a amostra de filhas e para amostra de mães. Os resultados descritos no quadro 8 indicam que: (1) a uma maior solidariedade afectiva está associado uma maior adesão aos valores de solidariedade familiar; (2) a uma maior solidariedade normativa está associada uma maior adesão aos valores da solidariedade familiar e aos valores do poder familiar; (3) a uma maior solidariedade conflitual está associada uma menor adesão aos valores da solidariedade familiar e aos valores do poder familiar.

**Quadro 8 – Correlações entre dimensões do Familismo e da Solidariedade**

Variáveis	Familismo					
	Solidariedade familiar			Poder familiar		
	Filhas	Mães	Total	Filhas	Mães	Total
S. afectiva	.370**		.325**			
S. normativa	.292*	.500**	.404**		.596**	.428**
S. conflitual	-.290	.399**	-.344**			-.208

\*\* $p < .001$

### 3.2.6 *Conflito*

Para analisarmos a relação entre conflito e a Solidariedade procedemos a uma análise das correlações entre as várias dimensões das duas variáveis para a amostra total, para a amostra das filhas e para a amostra das mães. Os resultados apresentados no quadro 9 indicam que: (1) a uma maior solidariedade afectiva está associada uma menor visão negativa do outro e a uma menor gestão conflituosa; (2) a uma maior solidariedade normativa está associada uma menor visão negativa do outro; (3) a uma maior solidariedade

conflitual está associada uma maior visão negativa do outro e a uma maior gestão conflituosa.

**Quadro 9 – Correlações entre dimensões Conflito e da Solidariedade**

Variáveis	CONFLITO					
	Visão negativa			Gestão conflituosa		
	Filhas	Mães	Total	Filhas	Mães	Total
<b>S. afectiva</b>	-.403**	-.716**	-.544**	-.494**		-.438**
<b>S. normativa</b>	-.247**	-.298*	-.300**			-
<b>S. conflitual</b>	-.621**	-.621	.498**	-.411**		.280**

\*\*p<.001

#### **4. Discussão dos resultados**

##### ***Relação entre Solidariedade e Bem-estar***

Os resultados obtidos indicam que existe uma correlação significativa, embora fraca, entre um número reduzido de dimensões das duas escalas, comprovando parcialmente a nossa hipótese. Estes resultados parecem ir de encontro às conclusões de alguns estudos (Lowenstein e Katz, 2005) que confirmam que existe uma relação fraca entre estas duas variáveis e que referem que outros factores, como o estado de saúde percebido e os recursos sócio-económicos, exercem sobre o bem-estar uma influência mais significativa. As explicações para este resultado são difíceis de avançar com segurança. Tendo em conta que as díades se caracterizam por um bom nível de autonomia e saúde e, por conseguinte de independência mútua, o apoio dado e recebido tenderá a não ultrapassar os recursos pessoais de cada geração e, assim, a não ter um impacto significativo no bem-estar das duas gerações. Prevemos que esta relação entre bem-estar e solidariedade será mais visível quando, por exemplo, as necessidades de apoio aos pais são mais exigentes e interferem mais no bem-estar de quem tem de dar apoio (pela sobrecarga) e de quem recebe (pela perda de autonomia).

Estes resultados podem ainda estar relacionados com as características dos instrumentos utilizados. Os estudos intergeracionais anteriores que relacionaram a solidariedade com o bem-estar, utilizaram instrumentos de medição do bem estar mais globais, que o medem através dos afectos e da satisfação com a vida. O instrumento utilizado neste estudo apresenta aspectos mais diferenciados do bem-estar que remetem para várias dimensões específicas do funcionamento humano. Enquanto que o Índice de Solidariedade está centrado na avaliação da coesão da família e da interdependência dos

seus membros, a Escala de Bem-estar está mais centrada na avaliação da autonomia, expressão e auto-determinação individual, podendo esta diferença contribuir para uma baixa correlação entre as dimensões das duas escalas.

Ficou confirmado o maior impacto da solidariedade afectiva, com um valor correlacional mais elevado em relação às outras dimensões, nomeadamente da dimensão funcional. O bem-estar parece estar assim mais relacionado com suporte afectivo do que com o suporte instrumental. Embora não se possa estabelecer uma causalidade entre estas diferentes dimensões, os resultados parecem corroborar a ideia referida na literatura que de que a solidariedade tem um impacto positivo e o conflito um impacto negativo no bem-estar (Silverstein & Bengtson, 1991). Uma maior proximidade afectiva parece ser promotora de maior uma maior confiança nas qualidades pessoais e de uma maior confiança no futuro. Pelo contrário, o conflito poderá retirar aos indivíduos o seu sentido de controlo sobre a sua vida, contribuindo para o seu sentimento de que a resolução dos seus problemas ou a tomada das suas decisões passa por outros ou é dificultada pela existência de tensões na relação com os outros.

Verificam-se algumas diferenças entre mães e filhas. Por um lado, a maior correlação entre a dimensão normativa e o sentido de autodeterminação verificada para as mães parece vir confirmar a maior influência dos valores relativos às obrigações familiares sobre as gerações mais velhas, referida na literatura (Rossi & Rossi, 1990). Por outro lado, enquanto que para as mães é mais forte a relação do bem-estar com a solidariedade afectiva, para as filhas é mais forte a relação do bem-estar com a solidariedade conflitual. Esta tendência poderá vir de encontro à hipótese do *stake desenvolvimental* que segundo Giarusso, Stallings e Bengtson (1995) pode ser aplicada tanto à proximidade afectiva como ao conflito. Esta hipótese que defende que as mães dão mais valor aos aspectos positivos pode explicar o facto do bem-estar destas depender mais deste factor. As filhas ao darem mais importância aos aspectos negativos e conflituais, fazem necessariamente depender mais destes, o seu bem-estar. Embora as duas dimensões da solidariedade, conflito e afecto, sejam distintas no modelo teórico adoptado, podemos considerar que são ambas faces da mesma moeda, na medida em que traduzem a dimensão emocional das trocas familiares. Ao tomarmos uma visão integrada dos afectos positivos e afectos negativos verificamos que ambas mães e filhas valorizam igualmente a dimensão emocional, o que poderá reflectir a proximidade relacional que caracteriza habitualmente esta díade (Rossi & Rossi, 1990).

Por fim, a relação positiva entre o apoio dado e o bem-estar das filhas poderá traduzir o impacto positivo do acto de dar apoio sobre a auto-estima e o sentimento de poder e

competência dos indivíduos. No caso das filhas, dar apoio às suas mães pode ser reflexo do seu próprio processo de autonomização e de emancipação em relação à família de origem e representar a conquista definitiva de um estatuto de adulto. Numa fase de considerável independência entre gerações, o acto de dar apoio pode assim ser mais vivido como um privilégio do que como uma sobrecarga. Por seu lado, a relação negativa entre o apoio recebido e o bem-estar das mães poderá traduzir o impacto negativo do acto de receber apoio sobre o sentimento de autonomia e o auto-conceito dos indivíduos. No caso das mães, a emergência das necessidades de assistência podem trazer a confirmação do seu próprio processo de envelhecimento (Swartz et al, 2005).

### ***Reciprocidade***

As elevadas correlações significativas obtidas confirmam a nossa hipótese da reciprocidade que postula que o apoio dado e recebido tendem a ser directamente proporcionais. A elevada reciprocidade pode ainda traduzir o elevado contacto que mães e filhas têm umas com as outras e que favorece a troca directa de apoio. Segundo Rossi & Rossi (1991) existe um laço especialmente próximo entre mães e filhas, uma proximidade que tem início na infância e se torna ainda mais saliente na vida adulta, devido ao facto das esferas partilhadas de preocupações e interesses ser muito grande nos laços familiares entre mulheres, ao contrário do que acontece nos laços familiares entre homens ou entre homens e mulheres. Assim, a reciprocidade verificada pode ainda ser característica das relações afectivas entre mães e filhas, de uma forma geral. Por outro lado, dado que a nossa amostra é constituída por mulheres com boa autonomia e boa saúde, é de esperar que possuam os recursos pessoais que facilitam a troca de apoio e que, portanto, exista um certo equilíbrio entre o que dão e o que recebem uma das outras. Os resultados vêm assim confirmar a relevância deste fenómeno, apontado na literatura como uma lei básica e universal das relações humanas (Silverstein et al, 2002)

### **Diferenças de percepções sobre a relação entre mães e filhas**

Os resultados comprovam que não existem diferenças significativas entre mães e filhas no que diz respeito à sua percepção da solidariedade afectiva, não ficando provada a nossa hipótese. Alguns estudos referem a influência de algumas variáveis nesta diferença de percepções (Giarusso, Stallings e Bengtson, 1995; Rossi & Rossi, 1991). O facto das díades se caracterizarem de uma forma geral por uma boa proximidade e comunicação entre mães e filhas poderá ter contribuído para uma maior convergência de interesses e motivações, e deste modo para uma maior homogeneidade nas suas percepções. Tendo em consideração que dimensão afectiva da solidariedade é medida através de aspectos como a comunicação sobre preocupações pessoais e a compreensão mútua, é de esperar que mães com maior

contacto entre si tenham mais oportunidades de cultivarem esta maior proximidade emocional. Estes resultados parecem vir ainda confirmar a tendência geral, referida na literatura, para existir uma maior convergência de percepções entre díades do sexo feminino (Rossi & Rossi, 1991).

### ***Distância geográfica***

Em conformidade com a nossa hipótese, os resultados confirmam que a distância geográfica existente entre os membros das duas gerações tem um impacto significativo no apoio funcional dado e recebido entre estas. Em conformidade com os resultados apontados nos estudos (Silverstein et al, 1995), a influência da distância apenas se verifica para o apoio funcional. A distância física não determina a proximidade afectiva entre as pessoas, apenas regula a frequência e diversidade de apoios instrumentais que se oferecem mutuamente (Daatland & Lowenstein, 2005; shwartz e Trommsdorf, 2005). Os resultados que indicam o impacto em particular da situação de cohabitação vêm igualmente no sentido dos resultados encontrados na literatura (Lowenstein e katz, 2005). Quando as pessoas vivem na mesma casa tendem a dar-se mais apoio de tipo instrumental, na medida em que partilham espaços, tarefas e responsabilidades e têm uma percepção mais aprofundada das necessidades e dos recursos que os outros membros têm disponíveis.

### ***Familismo***

Os resultados confirmam a nossa hipótese. Mães e filhas apresentam resultados semelhantes. Na amostra de filhas o poder familiar não tem qualquer relação com as dimensões da solidariedade, ao contrário do que acontece na amostra de mães. Os valores do familismo estão, de uma forma geral, associados às dimensões afectiva, normativa e conflitual da solidariedade. A existência de uma correlação positiva entre solidariedade afectiva e as normas da solidariedade familiar parece traduzir os efeitos positivos da integração dos indivíduos num contexto familiar estruturado, onde existe uma clara definição de papéis e a partilha de regras que conferem estabilidade e previsibilidade aos comportamentos, para a qualidade da comunicação e partilha emocional entre os membros. A correlação positiva entre solidariedade normativa e os valores de solidariedade e de poder familiar reforça a validade de contruto das escalas e traduz a sua complementaridade. Enquanto que os valores do familismo dizem respeito a atitudes e crenças interiorizadas, a solidariedade normativa diz mais respeito à organização de comportamentos concretos de apoio mútuo Assim, quando os indivíduos defendem valores que sustentam atitudes de colectivismo familiar à autoridade familiar, tendem a pôr em prática estas crenças. A existência de uma correlação negativa entre solidariedade conflitual e valores de familismo parece traduzir a importância das normas na gestão dos relacionamentos familiares,

nomeadamente, dos conflitos. Indivíduos com um maior sentido de pertença e de identificação a um sistema organizado de normas relativas à coesão familiar, tenderão a desenvolver relações mais baseadas no respeito e na compreensão e recorrer a estratégias mais pacíficas de resolução de conflito. Ao contrário do que é apontado na literatura, o familismo não se encontra aqui associado às dimensões mais funcionais da solidariedade (Silverstein & Yang, 2006). Deste modo confirma-se a ideia de que o apoio funcional é determinado por uma interacção de factores que incluem as normas mas também as necessidades dos indivíduos, tanto de quem dá como com de quem recebe o apoio.

### **Conflito**

No que diz respeito à relação entre conflito e solidariedade, os resultados não confirmam a nossa hipótese. Filhas e mães apresentam resultados semelhantes. Na amostra de mães a gestão conflituosa não tem qualquer relação com as dimensões da solidariedade, ao contrário do que acontece com as filhas. O conflito encontra-se associado especialmente às dimensões afectiva e conflitual. Assim, a percepção que os indivíduos têm entre si e a forma como gerem os seus conflitos parece estar relacionada com a qualidade da comunicação e da compreensão que existe na sua relação. O facto de não existir qualquer relação entre conflito e o apoio funcional parece vir confirmar os resultados encontrados na literatura que referem que a existência de conflito não põe necessariamente em causa a troca mútua de apoio instrumental, sendo possível e frequente coexistirem dentro das famílias tensões múltiplas e, ao mesmo tempo, comportamentos de apoio mútuo nas várias tarefas do quotidiano familiar. Estes dados reflectem claramente a natureza paradoxal das relações familiares, referida por Clarke e colaboradores (1999). Uma descrição das díades filhas adultas e suas mães feita por Birditt, Miller, Fingerman e Lefkowitz, (2009) identifica neste tipo de relação em particular a existência de maiores níveis de proximidade mas também de maiores níveis de conflito. A relação entre conflito e solidariedade poderá ainda estar a ser reforçada pelo facto da nossa amostra apresentar em geral um nível baixo de conflitos. Sendo a situação de conflito rara, ela pode ter um impacto maior para os indivíduos, quando ocorre, do que nas díades onde o conflito é mais frequente.

### **Conclusões**

A nossa pesquisa teve como objectivos centrais a compreensão das relações de solidariedade familiar intergeracional e dos seus padrões relacionais, o estudo do seu



impacto no bem-estar dos membros das famílias, a análise da influência da distância geográfica, dos valores e do conflito na solidariedade, uma vez assegurada as qualidades psicométricas dos instrumentos. Foram verificadas as qualidades psicométricas de instrumentos já utilizados na população portuguesa com diferenças com diferenças na especificidade da amostra. Foram analisados outros instrumentos, ainda que a sua estrutura não corresponda à estrutura original, com relevância psicométrica e que podem ser alvo de aprofundamento no futuro. Da análise e discussão dos seus resultados são de referir as suas principais conclusões: (1) A solidariedade familiar intergeracional tem, de uma forma geral, um papel reduzido no bem-estar dos indivíduos. A dimensão afectiva parece ser aquela que tem uma relação positiva mais forte sobre o bem-estar; (2) As relações intergeracionais, na sua dimensão funcional, são tendencialmente recíprocas, traduzindo um fluxo contínuo de trocas entre filhas e mães; (3) Mães e filhas têm uma percepção muito semelhante da relação afectiva que as une; (5) A distância geográfica tem um impacto significativo na solidariedade funcional dada e recebida e não tem qualquer impacto na solidariedade afectiva. A uma maior distância corresponde um menor apoio funcional. A diferença verificada entre a situação de viverem juntas e a de viverem separadas é significativa, com maior solidariedade funcional associada à coresidência; (6) Os valores de familismo estão associados à dimensão normativa e conflitual; (7) O conflito está associado às dimensões afectivas e conflitual da solidariedade. Tanto o familismo como o conflito estão associados às dimensões mais afectivas da relação, não tendo qualquer relação com a dimensão funcional.

Uma generalização dos resultados é prematura tendo em conta as limitações metodológicas do nosso estudo: (a) Condicionada pela escolha dos métodos de recolha de dados, nomeadamente, o facto da amostra ser constituída por voluntários, esta não pode ser considerada representativa pois é sobretudo composta por mães e filhas autónomas, saudáveis, vivem próximas umas das outras, têm uma relação caracterizadas por proximidade afectiva e contactos regulares. Devemos colocar ainda a hipótese de ter ocorrido alguma contaminação entre mães e filhas tendo em conta o elevado contacto que mantinham entre si e o facto das filhas serem mediadores do contacto com o investigador. Replicar o estudo com uma amostra mais larga e mais representativa seria necessário para confirmar estes resultados; (b) Devido à natureza transversal do nosso estudo, os resultados mostram um quadro estático das relações intergeracionais e não permitem tirar conclusões acerca da evolução do bem-estar e das relações familiares ao longo do tempo, verificando-se mais indicada neste domínio os estudos de tipo longitudinal. Ainda que seja uma mais valia o facto dos relatos dizerem respeito a duas gerações, a partir de dois dos seus representantes, devemos procurar ir mais longe, sabendo que essas fontes não são as

únicas pertinentes para uma caracterização exaustiva das relações intergeracionais. Assim, é de considerar em estudos futuros a inclusão dos relatos de outros filhos ou sobre os outros filhos, quando existem, assim como, do pai ou ainda o relato de uma terceira geração; (c) Como nos alertam alguns autores, as respostas às questões relativas ao conflito tendem a ser condicionadas pelo factor da desejabilidade social. Mesmo nas famílias em que através da entrevista era evidente existir um elevado grau de conflito, as suas respostas não pareceram reflectir esta situação, em parte porque as questões relativamente ao conflito tinham a ver com comportamentos socialmente não aceites ou criticáveis. Como refere Lowenstein (2007) os conceitos de conflito e ambivalência são úteis heurísticamente mas difíceis de avaliar empiricamente. São mais susceptíveis à desejabilidade social quando medidos quantitativamente. Assim, medir estes dois conceitos com amostras menos normativas, como é o caso de maus tratos ao idoso ou famílias disfuncionais podem trazer mais *insights*; (d) o modelo da solidariedade-conflito é especialmente útil na avaliação da força das relações familiares nas diferentes sociedades, no entanto como o notam Bengtson e colegas (2005 cit in Lowenstein, 2007), o modelo admite não capturar a complexidade total das relações familiares da vida tardia, especialmente em nos períodos caracterizados por uma maior dependência física da geração mais velha, por uma maior divergência nas necessidades dos cuidadores e por um maior predomínio de sentimentos negativos ou ambivalentes (Wilson e tal, 2003). Para preencher esta lacuna foram acrescentados os outros instrumentos.

Apesar das limitações considera-se que este estudo poderá contribuir para a compreensão da relação entre as relações familiares e o bem-estar, e ser uma mais valia para uma perspectiva mais complexa sobre a integração social da terceira idade. Os seus resultados podem igualmente inspirar as intervenções no terreno, progressivamente mais familiarizadas com os conceitos de solidariedade “intergeracional” e “multigeracional”, nomeadamente, desviando os programas/projectos intergeracionais da sua tendência para se dedicarem exclusivamente à relação entre avós e netos, em detrimento da relação entre idosos e filhos adultos. Uma intervenção que envolva as três gerações é muito importante tendo em conta que o papel da geração dos filhos adultos na mediação da relação dos avós com os netos. Os conhecimentos que daqui resultam podem ser úteis a todos os profissionais que dão apoio directo às famílias, sensibilizando-os para a importância de uma leitura positiva da família mais centrada nas suas competências do que nos seus défices, de uma abordagem sistémica e ecológica às problemáticas que apresentam, de uma relação promotora do empoderamento dos indivíduos, das famílias e das suas comunidades, assim como, de uma abordagem que promova a cooperação entre as famílias (apoios informais) e os serviços formais de apoio às famílias e aos idosos. Importa ainda salientar o conflito como

alvo prioritário de intervenção com as famílias, pelo impacto negativo que este tem na qualidade das relações afectivas entre gerações. Por fim, os programas intergeracionais deverão, para além dos aspectos técnicos, procurar construir e sustentar um cuidado genuíno entre as gerações (Seedsman, 2006). Pois mais do que programas, actividades ou projectos precisamos de promover “espaços intergeracionais”, multiplicarmos o número de oportunidades contínuas, diversificadas e sustentadas *para “praticarmos as relações intergeracionais, para estarmos uns com os outros”* (Sanchez, 2007, pp.8).

## Bibliografia

- Attias-Donfut, C., Ogg, J., Wolff, F. (2005). European patterns of intergenerational financial and time transfers. *European Journal of Ageing*, 2, 161-173.
- Baltes, P. B., Reese, H. Lipsitt, L. (1980). Life-span developmental psychology. *Annual Review of Psychology*, 31, 65-110.
- Bengtson, V.L. (2001). Beyond the nuclear Family: the increasing importance of multigenerational bonds. *Journal of Marriage and Family*, 63, 1-16.
- Bengtson, V. L. & Silverstein, M. (1997). Intergenerational solidarity and the structure of adult child-parent relationships in american families. *AJS*, 103(2), 429-60.
- Bengtson, V.L., Giarusso, R., Mabry, J.B., Silverstein, M. (2002). Solidarity, conflict and ambivalence: complementary or competing perspectives on intergenerational relationships? *Journal of Marriage and Family*, 64, 568-576.
- Birditt, K., Miller, L. , Fingerman, K., Lefkowitz, E. (2009). Tensions in the parents and adult child relationship: link to solidarity and ambivalence. *Psychology and Ageing*, 24(2), 287-295.
- Clarke, E. , Preston, M. Raskin, J., Bengtson, V. L. (1999). Types of conflicts and tensions between older parents and adult children. *The gerontologist*, 39(3), 261-270.
- Gonçalves, C. (1997). *A influência da família no desenvolvimento vocacional de adolescentes e jovens*. Tese de Mestrado Não Publicada. F.P.C.E.U.P.
- Gonçalves, C. (2003) *A família e a construção de projectos vocacionais de adolescentes e jovens*. Tese de Doutoramento Não Publicada. F.P.C.E.U.P.
- Daatland, S. (2007). Marital history and intergenerational solidarity: the impact of divorce and unmarried cohabitation. *Journal of Social Issues*, Vol. 63, No. 4, 809-825.
- Daatland, S. & Lowenstein, A. (2005). Intergenerational solidarity and the family welfare state balance. *European Journal of Ageing*, 2, 174-182.
- Daatland, S. & Herlofson, K. (2003). "Lost solidarity" or "changed solidarity": a comparative European view of normative family solidarity. *Ageing & Society*, 23. , 537-560.
- Drew, L. & Silverstein, M. (2007). Grandparents' psychological well-being after loss of contact with their grandchildren. *Journal of Family Psychology*, 21(3), 372-379.
- Ferring, D., Michels, T., Boll, T. Filipp, S. (2009). Emocional relationship quality of adult children with ageing parents: on solidarity, conflict and ambivalence. *European Journal of Ageing*, 6, 253-265.
- Fonseca, A. M. (2004). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Giarusso, R. Stallings, M. & Bengtson, V.L. (1995). The "intergenerational stake" hypothesis revisited: parent-child differences in perceptions of relations 20 years later. In Bengtson, V.L., Schaie, K., Burton, L.M. (Eds), *Adult Intergenerational Relations – effects of societal change*. New York: Spronger Publishing Company.
- Grundy, E. & Henretta, J.C. (2006). Between elderly parents and adult children: a new look at the intergenerational care provided by the "sandwich generation". *Ageing and Society*, Vol. 26, 707-722.
- Hammarström, G. (2005). The construct of intergenerational solidarity in a lineage perspective: a discussion on underlying theoretical assumptions. *Journal Of Aging Studies*, 19, 33-51.
- Katthijs K., D Vries, J. (2009). Change and stability in parent-child contact in five western countries. *European Journal of Population*. 25, 257-276.

- Katz, R. (2009). Intergeracional family relations and life satisfaction among three elderly population groups in transition in the Israeli multi-cultural society. *Cross Cultural gerontology*, 24: 77-91.
- Katz, R. (2008). Intergenerational family relations and subjective well-being in old age: a cross national study. *European Journal of Ageing*, 6: 79-90.
- Landra, J.M., Martos, M. P. , & López-Zafra, E. ( 2010). Emotional intelligence and personality traits as predictors of psychological well-being in spanish undergraduates. *Social Behavior and Personlity*, 38(6), 783-794.
- Litwin, H. (2005). Intergenerational relations in an aging world. *European Journal Of Ageing*, 2, 213-215.
- Lowenstein, A. (2007). Solidarity-conflict and ambivalence: testing two conceptual frameworks and their impact on quality of life for older family members. *Journal of gerontology*, 62B, S100-S107.
- Lowenstein, A. (1999). Intergenerational family relations and social support. *Zeitschrift für Gerontologie und Geriatrie*, 32 (6), 398-406.
- Lowenstein, A. & Katz, R. (2005). Living arrangements, family solidarity and life satisfaction of two generations of immigrants in Israel. *Ageing & Society*, 25, 749-767.
- Marchand, H. (2001). *Temas de desenvolvimento psicológico do adulto e do idoso*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Marcoen, A. (2005). Parent care: the core component of intergenerational relationships in middle and late adulthood. *European Journal of Ageing*, 2, 208-212.
- Merz, E., Oort, F., Ozeke-Kocabas, E., & Schuengel, C. (2009). Intergenerational family solidarity: value differences between immigrant groups and generations. *Journal of family Psychology* 23(3), 291-300.
- McIlvane, J. Ajrouch, K. & Antonucci, T. (2007). Generational structure and social resources in mid-life: influences on health and well-being. *Journal of Social Issues*, 63(4), pp.759-773.
- Pillemer, K., Suitor, J., Mock, S. Sbir, M. Pardo, T., Sechrist, J. (2007). Capturing the complexity of intergenerational relations: exploring ambivalence within later-life families. *Journal of Social Issues*, 63(4), 775-791.
- Putney, N. & Bengtson, V.L. (2003). Intergenerational relations in changing times. In Mortimer, J.T.& Hanada, M. J. (Eds) *Handbook of the Life Course*. New York: Academic/Plenum Publishers.
- Richards, L.N., Bengtson, V.L., Miller, R.B. (1989). The "generation in the middle: perceptions of changes in adult intergenerational relationships. In Kreppner, K. & Lerner, R., (Eds) *Family Systems and Life-span development*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Rossi, A. & Rossi, P. (1991). Normative obligations and parent-child help exchange across the life course. In Pillemer, K. & Mc cartney, K. (Eds). *Parent-child Relations Throughout Life*. New jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Ryff, C.D. (1995). Psychological well-being in adult life. *American Psychological Society*, 4(4), 99-104.
- Ryff, C.D., Keyes, C.L. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(4), 719-727.
- Ryff, C. ( 1993). Two conceptions os happiness: contrasts of personal expressiveness (eudaimonia) and hedonic enjoyment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64(4), 678-691.
- Ryff, C. (1989). In the eye of the beholder: views fo psychological well-being amons middle-aged and older adults. *Psychology and ageing*, 4(2), 195-210.
- Ryff, C. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 1069-1081.
- Sanchez, M. (2007). *Intergenerational solidarity: strengthening economic and social ties*. Comunicação apresentada no Expert Group Meeting, Nova York.

Seedsman, T. (2006) Viewing participants as resources for one another, communities and societies: intergeracional solidarity toward a better world. *Journal of Intergenerational Relationships*, Vol 4(1).

Schwartz, B. e Trommsdorff, G. (2005). The relation between attachment and intergenerational support. *European Journal of Ageing*, 2, 192-199.

Schwartz, B., Trommsdorff, G., Albert, I., & Mayer, B. ( 2005). Adult parent-child relationships: relationship quality, support and reciprocity. *Applied Psychology: An International Review*, 54 (3), 396-417.

Shapiro, A. (2004). Revisiting the generation gap: exploring the relationships of parent/adult-child dyads. *International Journal of Aging and Human Development*, 58(2) 127-146.

Silverstein, M. & Yang, F. (2006). Intergenerational support to ageing parents. *Journal of Family Issues*, 27( 8), 1068-1084.

Silverstein, M. & Bengtson, V.L. (1997). Intergenerational solidarity and the structure of adult child-parent relations in american families. *AJS*, 103(2). 429-60.

Silverstein, M. & Bengtson, V. (1991). Do close parent-child relations reduce the mortality risk of older parents? *Journal of Health and Social Behavior*, 32, 382-395.

Silverstein, M. Conroy, S., Wang, H., Giarusso, R., & Bengtson, V. (2002). Reciprocity in parent-child relations over the adult life course. *Journal of Gerontology Social Sciences*, 57B(1), S3-S13.

Siqueira, M. & Padovan, V. (2008). Bases teóricas do bem-estar subjectivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 201-209.

Suitor, J., Pillemer, K. (1991). In Pillemer, K. & Mc cartney, K. (eds). Parent-child relations throughout life. Family conflict when adult children and elderly parents share a home. New jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Taylor, A., Robila, M. & Lee, H. S. (2005). Distance, contact and intergenerational relationships: grandparents and adult grandchildren form an international perspective. *Journal of Adult Developpment*, 12(1), 33-41.

Waterman,A. (1993). Two conceptions of happiness: contrasts of personal expressiveness (eudaimonia) and hedonic enjoyment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64(4).678-691.

[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xlang=pt&xpgid=ine\\_main&xpid=NE](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xlang=pt&xpgid=ine_main&xpid=NE)

**Anexos**

**Anexo 1**  
**Escalas originais**



## **Anexo 1.a**

**Escala de Bem-estar Psicológico  
(Ryff, 1989)**



Sexo: masculino ☐ feminino ☐

Idade: \_\_\_\_\_

Habilitações académicas: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Este questionário tem por objectivo conhecer as suas opiniões acerca de si próprio(a). Não se trata de um teste de avaliação, pelo que não existem respostas certas ou erradas. O que é importante é que responda com sinceridade a todas as questões.

As suas respostas serão apenas utilizadas para fins de investigação psicológica, sendo absolutamente garantida a sua confidencialidade.

Leia com atenção cada uma das afirmações e as opções de resposta disponíveis. Depois, basta assinalar com um X ou um O a(s) alternativa(s) que melhor se adequa(m) ao seu caso pessoal.

Em caso de engano na resposta a uma questão, pode riscar e assinalar a sua opção definitiva. Se surgirem dúvidas, não hesite em pedir ajuda a quem se encontra a administrar o questionário. No final, verifique, por favor, se respondeu a todas as perguntas. A sua colaboração é da máxima importância para o prosseguimento do nosso estudo, pelo que desde já lhe agradecemos a sua disponibilidade!

Por favor indique o seu grau de concordância com cada uma das afirmações seguintes de acordo com a seguinte escala (circule ou marque com um X o número que corresponde à sua resposta).

1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo ligeiramente	Concordo ligeiramente	Concordo bastante	Concordo totalmente

1	Gosto da maior parte dos aspectos da minha personalidade.	1	2	3	4	5	6
2	Quando olho para a história da minha vida, sinto-me satisfeito com o modo como as coisas têm corrido até agora.	1	2	3	4	5	6
3	Algumas pessoas vagueiam sem rumo pela vida, mas eu não sou uma delas.	1	2	3	4	5	6
4	As exigências do dia-a-dia muitas vezes deitam-me abaixo.	1	2	3	4	5	6
5	De muitas maneiras, sinto-me desapontado(a) com o que consegui na vida.	1	2	3	4	5	6
6	Manter relações próximas tem sido difícil e frustrante para mim.	1	2	3	4	5	6
7	Vivo a vida um dia de cada vez e não penso muito no futuro.	1	2	3	4	5	6
8	Geralmente, sinto que tenho controlo sobre a situação em que vivo.	1	2	3	4	5	6
9	Sou bom a gerir as responsabilidades da minha vida quotidiana.	1	2	3	4	5	6
10	Por vezes, sinto-me como se já tivesse feito tudo o que havia a fazer na vida.	1	2	3	4	5	6
11	Para mim a vida tem sido um processo contínuo de aprendizagem, mudança e crescimento.	1	2	3	4	5	6
12	Penso que é importante ter novas experiências que desafiem a forma como eu penso acerca de mim e do mundo.	1	2	3	4	5	6
13	Os outros poderiam descrever-me como uma pessoa generosa, disposta a partilhar o seu tempo com eles.	1	2	3	4	5	6
14	Já há muito tempo que desisti de fazer grandes melhorias ou mudanças na minha vida.	1	2	3	4	5	6
15	Tenho tendência a ser influenciado(a) por pessoas com opiniões fortes.	1	2	3	4	5	6
16	Não tenho experienciado muitas relações calorosas e de confiança com outras pessoas.	1	2	3	4	5	6
17	Tenho confiança nas minhas próprias opiniões, mesmo quando elas são diferentes da forma como a maioria das pessoas pensa.	1	2	3	4	5	6
18	Eu julgo-me a mim mesmo de acordo com aquilo que eu acho que é importante, não de acordo com aquilo que os outros acham que é importante.	1	2	3	4	5	6

## **Anexo 1.b**

**Índex de Solidariedade Familiar Intergeracional  
(Bentson & Roberts, 1991)**

### **Affectual Solidarity**

1. Taking everything into consideration, HOW CLOSE do you feel is the relationship between you and your "study" son or daughter at this point in your life?
  - ☐ Not at all close
  - ☐ Not too close
  - ☐ Somewhat close
  - ☐ Pretty close
  - ☐ Very close
  - ☐ Extremely close
  
2. How is COMMUNICATION between yourself and this daughter or son--exchanging ideas or talking about things that really concern you at this point in your life?
  - ☐ Not at all good
  - ☐ Not too good
  - ☐ Somewhat good
  - ☐ Pretty good
  - ☐ Very good
  - ☐ Extremely good
  
3. Overall, how well do you and this son or daughter GET ALONG TOGETHER at this point in your life?
  - ☐ Not at all well
  - ☐ Not too well
  - ☐ Somewhat well
  - ☐ Pretty well
  - ☐ Very well
  - ☐ Extremely well
  
4. How well do you feel you UNDERSTAND this son or daughter?
  - ☐ Not at all well
  - ☐ Not too well
  - ☐ Somewhat well
  - ☐ Pretty well
  - ☐ Very well
  - ☐ Extremely well
  
5. How well do you feel this son or daughter UNDERSTANDS YOU?
  - ☐ Not at all well
  - ☐ Not too well
  - ☐ Somewhat well
  - ☐ Pretty well
  - ☐ Very well
  - ☐ Extremely well

### **Conflictual Solidarity**

1. Taking everything into consideration, how much CONFLICT, TENSION, or DISAGREEMENT do you feel there is between you and this child at this point in your life?
  - ☐ None at all
  - ☐ A little
  - ☐ Some
  - ☐ Pretty much
  - ☐ Quite a bit
  - ☐ A great deal
2. How much do you feel this child is CRITICAL of you or what you do?
  - ☐ Not at all
  - ☐ A little
  - ☐ Some
  - ☐ Pretty much
  - ☐ Quite a bit
  - ☐ A great deal
3. How much does this child ARGUE with you?
  - ☐ Not at all
  - ☐ A little
  - ☐ Some
  - ☐ Pretty much
  - ☐ Quite a bit
  - ☐ A great deal

### **Consensual Solidarity**

1. In general, HOW SIMILAR are your opinions and values about life to those of your son or daughter at this point in time?
  - ☐ Not at all similar
  - ☐ Not too similar
  - ☐ Somewhat similar
  - ☐ Pretty similar
  - ☐ Very similar
  - ☐ Extremely similar



## Structural Solidarity

1. How far from you do your mother and father live?
- |        |        |
|--------|--------|
| MOTHER | FATHER |
|--------|--------|

MOTHER \_\_\_\_\_ FATHER \_\_\_\_\_

- ☐ We live together
  - ☐ Less than 5 miles from me
  - ☐ 5-50 miles from me
  - ☐ 51-150 miles from me
  - ☐ 151-250 miles from me
  - ☐ 251-500 miles from me
  - ☐ More than 500 miles from me

FATHER

- ☐ We live together
- ☐ Less than 5 miles from me
- ☐ 5-50 miles from me
- ☐ 51-150 miles from me
- ☐ 151-250 miles from me
- ☐ 251-500 miles from me
- ☐ More than 500 miles from me

### Associational Solidarity

1. How far from you do your mother and father live?

MOTHER	FATHER
--------	--------

- ☐ We live together
  - ☐ Less than 5 miles from me
  - ☐ 5-50 miles from me
  - ☐ 51-150 miles from me
  - ☐ 151-250 miles from me
  - ☐ 251-500 miles from me
  - ☐ More than 500 miles from me

FATHER

- ☐ We live together
- ☐ Less than 5 miles from me
- ☐ 5-50 miles from me
- ☐ 51-150 miles from me
- ☐ 151-250 miles from me
- ☐ 251-500 miles from me
- ☐ More than 500 miles from me

2. During the past year, how often were you in contact with your mother or father?

[illegible]



## Functional Solidarity

1. We're interested in the kind of help and support that family members give to one another. Please answer the following questions with regard to your "STUDY" MOTHER. If your "study" mother is deceased, go to Question 2.

13 Do you provide any of the following types of help and support for your "STUDY" MOTHER?

[illegible]

- 3 Do you provide any of the following types of help and support for your "STUDY" FATHER?

3. Now we want to talk about friends and relatives other than parents. For each type of help and support listed below, put a check in the box beneath each person to whom YOU PROVIDE that kind of assistance or support. (CHECK AS MANY AS APPLY.)

[illegible]



4. Turning things around the other way, we're interested in learning about the kinds of help and support YOU RECEIVE from family, friends, and others. For each type of help and support listed below, put a check in the box beneath each person who gives you that kind of assistance or support. (CHECK AS MANY AS APPLY.)

[illegible]

### Normative Solidarity Type 1

1. Regardless of the sacrifices involved, how much responsibility should adult children with families of their own have: (CHECK ONE BOX FOR EACH AREA OF RESPONSIBILITY LISTED BELOW.)

	HOW MUCH RESPONSIBILITY?				
	None	Minor	Moderate	Major	Total
a. To provide COMPANIONSHIP or spend time with elderly parents who are in need? . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b. To help with HOUSEHOLD CHORES and REPAIRS and/or to provide TRANSPORTATION for elderly parents who are in need? . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c. To LISTEN to the problems and concerns of elderly parents and to provide ADVICE AND GUIDANCE? . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d. To provide for the PERSONAL and HEALTH CARE needs of elderly parents (for example, bathing, grooming, medication, etc.)? . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e. To provide FINANCIAL SUPPORT and/or assist in the financial and legal affairs of elderly parents who are in need? . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f. To provide HOUSING for elderly parents who are in need? . . . . .	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

### Normative Solidarity Type 2

Normative Solidarity Type 2		Strongly agree	Agree	Disagree	Strongly disagree
1.	As many activities as possible should be shared by married children and their parents	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.	Marriage should be regarded as extending established families, not just creating new ones	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.	If a person finds that the lifestyle he/she has chosen runs so against his family's values that conflict develops, he/she should change	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.	Children owe it to their parents to place family objectives above personal aspirations	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.	A person should talk over important life decisions (such as marriage, employment, and residence) with family members before taking action.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.	Family members should give more weight to each others' opinions than to the opinions of outsiders	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. Now we want to talk about friends and relatives other than parents. For each type of help and support listed below, put a check in the box beneath each person to whom YOU PROVIDE that kind of assistance or support. (CHECK AS MANY AS APPLY.)

[illegible]



8. Turning things around the other way, we're interested in learning about the kinds of help and support YOU RECEIVE from family, friends, and others. For each type of help and support listed below, put a check in the box beneath each person who gives you that kind of assistance or support. (CHECK AS MANY AS APPLY.)

[illegible]

## **Anexo 1.c**

### **Escala de familismo/Individualismo**

**(Fontaine & Matias, 2003)**



Quadro IV-A: Factor 1 – Poder Familiar

Descrição do item	Saturação
34 - "O pai é quem deve gerir o dinheiro em casa"	.702
31 - "O pai deve ser o chefe de família"	.647
8 - "A família deve ter o direito de controlar o comportamento de cada um dos seus membros"	.646
14 - "Os membros da família devem ter as mesmas crenças políticas, éticas e religiosas."	.624
39 - "O pai deve ser o ganha-pão da família."	.618
37 - "A mãe deve aceitar as decisões do pai."	.600
6 - "Pelo menos um dos filhos(as) casados(as) deverá viver em casa dos pais."	.587
11 - "Deve-se sempre evitar qualquer acção que a nossa família desaprove."	.543
33 - "A mãe deve ser sempre a mediadora entre os pais e os filhos."	.532
4 - "Os menores de 18 anos devem, quase sempre, obedecer aos seus irmãos(ãs) mais velhos(as)."	.512
15 - "Menores de 18 anos devem sempre obedecer aos seus pais"	.473
2 - "Os menores de 18 anos devem dar quase todo o seu salário aos seus pais."	.446

\*alpha= .83; variância explicada = 14,95%

Quadro IV-B: Factor 2 – Solidariedade Familiar

Descrição do item	Saturação
13 - "Deve ser-se completamente leal com a nossa família."	.666
7 - "Deve-se honrar e proteger a reputação da nossa família."	.663
17 - "Deve-se estar disposto a fazer sacrifícios pela nossa família."	.623
36 - "Os problemas da família devem ser resolvidos em família"	.557
12 - "Deve partilhar-se a casa com pais e irmãos sempre que estes necessitarem."	.514
3 - "Deve-se consultar os membros da família no que respeita a decisões importantes."	.496
9 - "Deve apoiar-se financeiramente os pais e sogros, sempre que estes necessitarem."	.477
25 - "Pais e filhos devem ficar juntos, o mais possível."	.413

\*alpha= .70; variância explicada = 10,94%

Quadro IV-C: Factor 3 – Individualismo

Descrição do item	Saturaçã o
28 - "Ajo da mesma forma, apesar das opiniões da minha família"	.692
18 - "Apesar do que os outros elementos da família possam dizer, geralmente faço o que eu acho que é melhor para mim."	.642
22 - "Habitualmente faço "as minhas coisas como me apetece"."	.606
19 - "Fico muito ofendido com qualquer invasão da minha privacidade pessoal."	.532
23 - "Prefiro depender de mim, do que dos outros."	.520
24 - "Na maioria das vezes, confio em mim; raramente confio nos outros."	.515
20 - "Face a um problema pessoal é melhor decidir sozinho do que seguir o conselho de algum familiar."	.480
26 - "Gosto de ser único e diferente dos outros."	.470
21 - "Não se deve sacrificar os próprios interesses em benefício da família"	.389

\* alpha= .71; variância explicada = 10,03%

## **Anexo 1.d**

**Escala de Ambiente Familiar  
(Coimbra & Gonçalves, 1997)**





47. Na minha família fazemos coisas nos tempos livres (Na minha família procuramos realizar actividades diversas nos tempos livres).
48. As pessoas da minha família sabem muito bem o que é certo e o que é errado (As pessoas da minha família orientam-se por princípios e normas religiosas).
49. Em minha casa, muitas vezes, não fazemos aquilo que tínhamos decidido fazer (estava programado).
50. Obedecer às regras é muito importante na minha família.
51. Podemos realmente contar uns com os outros na minha família.
52. Em minha casa há sempre uma pessoa que se aborrece quando alguém se queixa (Em minha casa não sabemos aceitar as críticas uns dos outros).
53. As pessoas da minha família às vezes batem uns nos outros (As pessoas da minha família às vezes agriem-se verbal e fisicamente).
54. Quando alguém tem um problema geralmente resolve-o sozinho (Na minha família deixa-se liberdade para cada um realizar os seus projectos).
55. Na minha família preocupamo-nos em subir no trabalho e em ter boas notas na escola.
56. Existe pelo menos uma pessoa na minha família que toca um instrumento musical.
57. Quando não estão a trabalhar, as pessoas da minha família gostam de se entreter com alguma coisa para se distraírem (Quando não estão a trabalhar, as pessoas da minha família gostam de passear, visitar os amigos para se distraírem).
58. Na minha família acredita-se em Deus. (Na minha família professa-se a fé em Deus).
59. As pessoas da minha família procuram manter os seus quartos arrumados (Na minha família dá-se importância à ordem e limpeza dos vários espaços da casa).
60. Cada um de nós tem uma palavra a dizer nas decisões familiares. (Todos nós participamos nas decisões importantes da família).
61. Na minha família sentimo-nos pouco unidos.
62. As questões de dinheiro e de pagamento de contas são faladas abertamente em minha casa.
63. Quando existe algum problema na minha família, ninguém fala dele (com medo de arrumar confusões e brigas).
64. Em minha casa achamos que cada um deve defender os seus direitos (Em minha casa respeita-se os direitos de cada um).
65. Na minha família (luta-se) queremos muito (para) subir na vida.
66. As pessoas da minha família costumam ajudar na organização de festas da nossa freguesia e da escola. (na organização de acontecimentos culturais, artísticos e recreativos da minha freguesia)
67. As pessoas da minha família gostam de aprender coisas novas nos tempos livres (Na minha família cada um tem ideias diferentes sobre o que é certo e errado (A minha família, embora religiosa, respeita a opção de cada um relativamente à religião).
69. Em minha casa todos sabem o que cada um tem que fazer. (Na minha família todos sabem as tarefas que têm a realizar).
70. Na minha família podemos fazer o que nos der na cabeça (apetecer).
71. Na minha família damos-nos mesmo bem uns com os outros.
72. Geralmente temos cuidado com o que dizemos uns aos outros (para não nos magoarmos)
73. Na minha família cada um quer ser melhor que o outro (na minha família existe muita competição entre uns e outros).
74. Na minha família é difícil sermos nós próprios (termos as nossas ideias e projectos) sem que alguém fique triste ou magoado
75. "Primeiro o trabalho, depois a diversão", é o que se diz na minha família.
76. Em minha casa vemos mais televisão do que lemos (na minha família não existe hábitos de leitura apenas se vê televisão).
77. As pessoas da minha família costumam sair e ir passear (a minha família, nos fins de semana, frequentemente sai e passeia).
78. A Bíblia é um livro muito importante (e sagrado) para a minha família.
79. Na minha casa temos muito cuidado com o modo como gastamos o dinheiro.



16. Na minha família costumamos ir assistir a conferências, peças de teatro e concertos.
17. Na minha família costumamos conviver com outras pessoas. (*Na minha família gostamos de fazer festas e de conviver com outras pessoas*).
18. Na minha família costumamos rezar (*Na minha família normalmente reza-se*).
19. Na minha família somos normalmente muito *cuidadosos* e organizados.
20. Existem muitas regras na minha família
21. Gostamos bastante de fazer coisas em família
22. Na minha família quando desabafamos há sempre alguém que fica preocupado. (*Na minha família não se falam abertamente os problemas de cada um dos seus elementos*)
23. As pessoas da minha família quando ficam muito nervosas atiram coisas pelo ar.
24. Na minha família cada um pensa e age por si próprio.
25. Não é muito importante para nós quanto dinheiro cada um consegue ganhar (*O dinheiro é uma dimensão muito importante para a minha família*)
26. Aprender coisas novas e diferentes é muito importante para a minha família (*Na minha família valoriza-se muito os debates e programas culturais*).
27. Na minha família há pelo menos uma pessoa que faz desporto nos tempos livres.
28. Conversamos muitas vezes sobre o que significa o Natal, a Páscoa e outras festas religiosas. (*Na minha família valoriza-se a celebração religiosa do Natal, Páscoa e de outras festas*).
29. Em minha casa é difícil encontrarmos as coisas quando precisamos delas (*Em minha casa quando precisamos de alguma coisa é difícil encontrá-la pela desorganização habitual*).
30. Existe uma pessoa na minha família que decide quase todas as coisas (*na minha casa quase nunca somos consultados nas decisões familiares, porque há uma pessoa que decide sempre por todos*)
31. Sentimo-nos muito unidos na minha família. (*Fazer parte da nossa família é muito importante para todos os seus membros*).
32. Na minha família falamos *abertamente* uns aos outros os nossos problemas pessoais.
33. Às vezes as pessoas da minha família perdem frequentemente a cabeça.
34. Na minha família há horas de entrada e de saída (*Na minha família há horas marcadas para entrar e sair de casa*).
35. Na minha família acreditamos que os melhores devem vencer na vida (*Na minha família acreditamos que para vencer na vida teremos de ser muito bons e competentes naquilo que fazemos*).
36. Na minha família costumamos ir visitar museus ou exposições.
37. Na minha família vamos com frequência ao cinema, a acontecimentos desportivos, ao campismo, etc. (*Na minha família vamos com frequência ao cinema, a acontecimentos desportivos, festas...*)
38. Acreditamos no céu e no inferno. (*na minha família acredita-se na vida para além da morte*).
39. Ser pontual é muito importante na minha família (*a pontualidade é uma característica da minha família*).
40. Em minha casa as coisas são feitas sempre da mesma maneira.
41. Normalmente ninguém se oferece para fazer alguma coisa que tem que ser feita em casa. (*Na minha família há pouca colaboração nas tarefas comuns e todos tentam fugir à sua realização*).
42. Na minha família muitas vezes decidimos fazer as coisas (*sem comunicarmos uns aos outros*) em cima da hora
43. As pessoas da minha família criticam-se muitas vezes umas às outras.
44. Na minha família as pessoas mexem nas coisas uns dos outros (*na minha família não se respeita a privacidade de cada um*).
45. Na minha família procuramos sempre fazer as coisas melhor da próxima vez— (*com muita competência*).
46. Na minha família as pessoas costumam trocar ideias sobre vários assuntos *de interesse cultural e recreativo*.



**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**  
***Centro de Desenvolvimento Vocacional***

**ESCALA DO AMBIENTE FAMILIAR**  
**(MOOS & MOOS, 1986)<sup>1</sup>**

Nas folhas que se seguem irá encontrar 90 frases sobre a família. Leia cada uma delas cuidadosamente e responda de acordo com a opinião que tem acerca da sua própria família. Não responda segundo o que as outras pessoas da sua família responderiam; queremos conhecer apenas a sua opinião. Para isso, assinale com uma cruz ou um círculo o número que correspondente à sua resposta. Assinale apenas UMA resposta para cada frase.

- 1. *Discordo sempre***
- 2. *Discordo quase sempre***
- 3. *Discordo normalmente***
- 4. *Concordo normalmente***
- 5. *Concordo quase sempre***
- 6. *Concordo sempre***

1. Na minha família ajudamo-nos uns aos outros.
2. Habitualmente na minha família não contamos uns aos outros o que sentimos.
3. Na minha casa zangamo-nos muitas vezes.
4. Na minha família não costumamos fazer as coisas sozinhos (*na minha família costumamos meter-nos nos assuntos uns dos outros*).
5. Nós achamos que é importante sermos os melhores em tudo o que fazemos.
6. Na minha família costumamos discutir questões políticas e culturais.
7. Passamos a maioria dos fins-de-semana e das noites em casa. (*Na minha família raramente saímos aos fins de semana.*)
8. Costumamos ir todos os domingos à missa. (*A minha família habitualmente vai à missa ao Domingo.*)
9. Na minha família planeamos as coisas com muito cuidado. (*Na minha família planeamos e organizamos o que é importante para todos com muito cuidado.*)
10. As pessoas da minha família não são obrigadas a seguir ordens (*Na minha família não há ordens obrigatórias*).
11. Na minha família quando estamos em casa parece que só estamos a passar o tempo. (*Na minha família sentimo-nos mal uns com os outros*).
12. Na minha família podemos falar *abertamente* de tudo o que queremos
13. As pessoas da minha família mostram poucas vezes que estão zangadas (*As pessoas da minha família procuram esconder que estão zangadas*).
14. Na minha família estão sempre a dizer que temos que fazer as coisas sozinhos (*na minha família cada um é livre de tomar as decisões que quiser*).
15. Ter muito sucesso é muito importante na minha família.

<sup>1</sup> Versão utilizada na investigação realizada em 1997. Em itálico, encontra-se a proposta de reformulação dos vários itens da escala, em função dos problemas levantados pela investigação de 1997, e utilizada no estudo piloto deste estudo.

80. Na minha casa as regras (*estabelecidas*) são para se cumprir
81. Na minha família dedicamos muito tempo e atenção uns aos outros.
82. Na minha família começamos muitas vezes a conversar sobre várias coisas. (*Na minha família só conversamos sobre coisas inúteis*).
83. Na minha casa achamos que não serve de nada estar a gritar (*na minha família todos gritam e ralham e ninguém tem razão*).
84. Na minha família não é bem visto (aceite) dizermos aquilo que pensamos (*na minha família não há liberdade para dizermos o que pensamos*).
85. As pessoas da minha família são muitas vezes comparadas com os colegas da escola e do trabalho (*As pessoas da minha família valorizam o sucesso uns dos outros*).
86. Em minha casa gostamos muito de música, arte e literatura.
87. A principal maneira de passarmos o tempo livre é a ver televisão ou ouvir rádio.
88. Acreditamos que se pecarmos seremos castigados (*Na minha família acreditamos que se pecarmos seremos perdoados por Deus*).
89. Geralmente arruma-se a cozinha logo a seguir às refeições.
90. Na minha família andam sempre em cima das pessoas.



## **Anexo 2**

### **Questionário sócio-demográfico**

# QUESTIONÁRIO

CÓDIGO\_\_\_\_\_

Data Nascimento:\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Sexo:

Masculino ☐ Feminino ☐

Estado civil:

Casado/a ☐ Solteiro/a ☐ Separado/a ☐

Divorciado/a ☐ União de facto ☐ Viúvo/a ☐

Há quanto tempo?\_\_\_\_\_

Nível de estudos:

Sem estudos ☐ 1ºciclo (4ºano) ☐ 2º ciclo (6ºano) ☐

3º ciclo (9ºano) ☐ Secundário (12ºano) ☐ Superior ☐

Situação profissional:

Desemprego ☐ Desemprego com trabalho ocasional ☐

Trabalhador por conta própria ☐ Trabalhador por conta de outrem ☐

Pensionista/reformado ☐

Há quanto tempo?\_\_\_\_\_

Profissão\_\_\_\_\_

Profissão do cônjuge/companheiro\_\_\_\_\_

Outras ocupações actuais

Formação ☐ Actividade física ☐ Actividade recreativa ☐

Outras. Quais?\_\_\_\_\_

Estado de Saúde:

Saudável ☐ Doença temporária ☐ Doença crónica ☐ Doença grave ☐

Autonomia no dia a dia:

Faço tudo sozinha ☐ Faço quase tudo sozinha ☐

Faço quase tudo com ajuda ☐ Não faço nada sozinha ☐

**Nº de Filhos:**

Masculino(s) \_\_\_\_\_ Feminino(s) \_\_\_\_\_

**Nº de Dependentes a cargo:**

Adulto(s) \_\_\_\_\_ Menor(es) \_\_\_\_\_

**Nome da Filha/Mãe (alvo):** \_\_\_\_\_

**Agregado familiar:**

Parentesco	Idade	Nível de estudos	Ocupação/Situação Laboral

**Residência:**

Concelho/freguesia: \_\_\_\_\_

**Habitação:**

Própria ☐ Arrendada ☐ Social ☐

**Apoios sociais:**

Não ☐

Sim ☐ Quais? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Equipas/técnicos de acompanhamento da família:**

Nenhum ☐

Médico de família ☐

Enfermeiro ☐

Técnico de Serviço Social	<input type="checkbox"/>
RSI (Rendimento Social de Inserção)	<input type="checkbox"/>
IPSS (instituição Privada de Solidariedade Social) ou Associação	<input type="checkbox"/>
CPCJ (Comissão de Protecção de Crianças e Jovens Em Risco)	<input type="checkbox"/>
EMAT (equipa Multidisciplinar de Acessoria ao tribunal)	<input type="checkbox"/>
CAFAP (Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental)	<input type="checkbox"/>
Outros. <input type="checkbox"/> Quais?	<input type="checkbox"/>

---

## **Anexo 3**

### **Protocolos de avaliação**

**Anexo 3.a**

**Protocolo de avaliação Versão filhas**

## QUESTIONÁRIO

O presente questionário encontra-se integrado num **estudo** sobre Relações Familiares, desenvolvido pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

A **população-alvo** do estudo inclui mulheres de duas gerações diferentes de uma mesma família:

- a) Mulheres MÃES – “**Questionário versão para MÃES**”
- b) Mulheres AVÓS (maternas) – “**Questionário versão para AVÓS**”

O seu **objectivo geral do Questionário** é conhecer as suas opiniões acerca de si própria e da sua família. Não se trata de um teste de avaliação, pelo que não existem respostas certas ou erradas. O que importa é que responda com sinceridade a todas as questões.

As suas **respostas são confidenciais** e serão utilizadas unicamente para fins de investigação.

### INSTRUÇÕES

**Leia com atenção** cada uma das questões, tendo em consideração as opções de resposta disponíveis.

Para responder às questões **faça uma cruz** dentro do quadrado situado à frente da resposta que pretende dar. **Em caso de engano** na resposta a uma questão, pode riscar e assinalar a opção correcta. No final, verifique se respondeu a todas as perguntas.

**Depois de responder** coloque o questionário no envelope, selando-o.

A sua **colaboração** é fundamental para o bom desenvolvimento do estudo, pelo que agradecemos desde já a sua disponibilidade. Autoriza a utilização dos seus dados pessoais para ser contactada no futuro para fins de investigação?

☐ NÃO, não aceito.

☐ SIM, aceito.

Nome: \_\_\_\_\_

Contacto: \_\_\_\_\_

## QUESTIONÁRIO (versão para FILHAS)

Este questionário tem por objectivo conhecer as suas **opiniões gerais sobre a relação entre Pais e Filhos Adultos**, tendo em conta este **momento actual da sua vida**.

Para responder, coloque uma crux (X) no quadrado (☐) que corresponde à opção por si desejada.

**A que distância vive da sua MÃE?**

[illegible]

**Quanto tempo demora a deslocar-se até à casa da sua MÃE?**

[illegible]

**Durante o ano passado 2008/2009, com que frequência manteve o seu contacto com a sua Mãe? E de que forma?**

[illegible]

**Que tipo de apoio DÁ à sua MÃE e com que frequência?**

[illegible]



## Outro, Qual?

<input type="checkbox"/>	Todos os dias
<input type="checkbox"/>	Várias vezes por semana
<input type="checkbox"/>	Todas as semanas
<input type="checkbox"/>	Várias vezes por mês
<input type="checkbox"/>	Todos os meses
<input type="checkbox"/>	Algumas vezes por ano
<input type="checkbox"/>	Uma a duas vezes por ano
<input type="checkbox"/>	Nunca

Totalmente satisfeita ☐ Muito satisfeita ☐ Satisfeita ☐ Pouco satisfeita ☐ Nada satisfeita ☐

Porquê? \_\_\_\_\_

Tarefas Domésticas (limpeza da casa, refeições,...)

**Todos os dias**

**Várias vezes  
por semana**

**Todas as  
semanas**

**Várias vezes  
por mês**

**Todos os  
meses**

**Algumas  
vezes por ano**

**Uma a duas  
vezes por ano**

**Nunca**

[illegible]

Totalmente satisfeita ☐ Muito satisfeita ☐ Satisfeita ☐ Pouco satisfeita ☐ Nada satisfeita ☐

Porquê?

Tarefas Domésticas (limpeza da casa, refeições,...)

[illegible]

**Que tipo de apoio DÁ a OUTROS familiares e/ou conhecidos?**

[illegible]

**Qual é o seu grau de satisfação em relação ao apoio que dá a OUTROS familiares e/ou conhecidos?**

Totalmente satisfeita ☐ Muito satisfeita ☐ Satisfeita ☐ Pouco satisfeita ☐ Nada satisfeita ☐

Porquê? \_\_\_\_\_

**Que tipo de apoio RECEBE de OUTROS familiares e/ou conhecidos?**

[illegible]

**Qual é o seu grau de satisfação em relação ao apoio que recebe de OUTROS familiares e/ou conhecidos?**

Totalmente satisfeita ☐ Muito satisfeita ☐ Satisfeita ☐ Pouco satisfeita ☐ Nada satisfeita ☐

Porquê? \_\_\_\_\_

**Como caracteriza a sua relação com a sua MÃE, em relação aos seguintes aspectos?**

[illegible]

**Como caracteriza a frequência de cada um dos seguintes aspectos da sua relação com a sua MÃE?**

[illegible]

**Como caracteriza a frequência de cada um dos seguintes aspectos da sua relação com a sua MÃE?**

[illegible]

**Indique em que medida concorda com as seguintes afirmações.**

[illegible]

**Indique em que medida concorda com as seguintes afirmações.**

[illegible]

[illegible]

[illegible]

**Anexo 3.a**

**Protocolo de avaliação Versão mães**

**QUESTIONÁRIO (versão para MÃES)**

Este questionário tem por objectivo conhecer as suas **opiniões gerais sobre a relação entre Pais e Filhos Adultos**, tendo em conta este **momento actual da sua vida**.

Para responder, coloque uma crux (X) no quadrado (☐) que corresponde à opção por si desejada.

**A que distância vive da sua FILHA?**

[illegible]

**Quanto tempo demora a deslocar-se até à casa da sua FILHA?**

[illegible]

**Durante o ano passado 2008/2009, com que frequência manteve o seu contacto com a sua FILHA? E de que forma?**

[illegible]

**Que tipo de apoio DÁ à sua FILHA e com que frequência?**

[illegible]



**Que tipo de apoio DÁ à sua FILHA e com que frequência?**

[illegible]

**Qual é o seu grau de satisfação em relação ao apoio que dá à sua FILHA?**

Totalmente satisfeita ☐ Muito satisfeita ☐ Satisfeita ☐ Pouco satisfeita ☐ Nada satisfeita ☐

Porquê? \_\_\_\_\_

**Que tipo de apoio RECEBE da sua FILHA e com que frequência?**

[illegible]

**Qual é o seu grau de satisfação em relação ao apoio que recebe da sua FILHA?**

Totalmente satisfeita ☐ Muito satisfeita ☐ Satisfeita ☐ Pouco satisfeita ☐ Nada satisfeita ☐

Porquê? \_\_\_\_\_

**Que tipo de apoio DÁ a OUTROS familiares e/ou conhecidos?**

[illegible]

**Que tipo de apoio DÁ a OUTROS familiares e/ou conhecidos?**

[illegible]

**Qual é o seu grau de satisfação em relação ao apoio que dá a OUTROS familiares e/ou conhecidos?**

Totalmente satisfeita ☐ Muito satisfeita ☐ Satisfeita ☐ Pouco satisfeita ☐ Nada satisfeita ☐

Porquê?

**Que tipo de apoio RECEBE de OUTROS familiares e/ou conhecidos?**

[illegible]

## Outro. Qual?

<b>Marido/ companheiro</b>	<input type="checkbox"/>
<b>Outro(s) filho(s)</b>	<input type="checkbox"/>
<b>Pais</b>	<input type="checkbox"/>
<b>Netos</b>	<input type="checkbox"/>
<b>Irmãos</b>	<input type="checkbox"/>
<b>Outros familiares</b>	<input type="checkbox"/>
<b>Vizinhos</b>	<input type="checkbox"/>
<b>Amigos</b>	<input type="checkbox"/>

Totalmente satisfeita ☐ Muito satisfeita ☐ Satisfeita ☐ Pouco satisfeita ☐ Nada satisfeita ☐

Porquê?

**Não existe**

**Fraco**

**Moderado**

**Bom**

**Muito Bom**

**Excelente**

[illegible]

**Nunca**  
**Raramente**  
**Moderada**  
**mente**  
**irrequiem**  
**ente**  
**Quase**  
**sempre**  
**sempre**

[illegible]

---

---

---

[illegible]

[illegible]

## **Anexo 4**

### **Caracterização das variáveis sócio-demográficas**

## **Caracterização das variáveis sócio-demográficas**

1. Idade (jovens adultos, adultos, idosos);
2. estado civil (1 - casado, 2 - solteiro, 3 -separado, 4 - divorciado, 5 - união de facto, 6 - viúvo);
3. nível de escolaridade (0 - sem estudos, 1 - 2ºciclo, 2 - 2º ciclo, 3 - 3ºciclo, 4 - secundário, 5 - superior);
4. Nível sócio-económico (1- baixo, 2-médio/médio alto);
5. saúde percebida (1 - doença grave, 2 - doença crónica, 3 - doença temporária, 4 - saudável);
6. autonomia (1 - não faz nada sozinha, 2 - alguma coisa sozinha, 3 - faz quase tudo sozinha, 4 - faz tudo sozinha);
7. profissão (1 - sem remuneração, 2 - remuneração mínima; 3 - remuneração superior a remuneração mínima até 1000€, 4 - remuneração entre 1000€ e 1500€, 5 -remuneração superior a 1500€);
8. situação profissional (1 - desempregado, 2 - desemprego com trabalho ocasional, 3 - trabalhador por conta de outrem, 4 - trabalhador por conta própria,5-reformado);



## **Anexo 5**

### **Análises factoriais**

**Anexo 5.a Escala de Bem-estar**

**Anexo 5.b Índice Solidariedade Familiar Intergeracional**

**Anexo 5.c Escala de Familismo/Individualismo**

**Anexo 5. d Escala de Ambiente Familiar**

## **Procedimento geral para a análise factorial das escalas**

Inicialmente, procedemos à análise das condições de factorabilidade dos dados através do Teste de Esfericidade de Bartlett, cujo valor deverá ser significativo ( $p < .05$ ) e da medida de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), cujo valor mínimo deverá ser de .6. Para verificar a força da intercorrelação entre os itens, Tabachnick e Fidell (Pallant, 2001) procedemos à verificação na matriz correlacional da existência de coeficientes superiores a .3. O tamanho da amostra é outra condição a ter em conta. Alguns autores referem que não é amostra total que é importante mas o ratio entre sujeitos e itens. Nunnally (1978, cit in Pallant, 2001) recomenda um ratio de 10 a 1, isto é, 10 casos para cada item a ser analisado factorialmente. Outros autores sugerem que 5 casos por cada item é adequado na maior parte dos casos. Assim, podemos prever logo as limitações na interpretação dos procedimentos estatísticos, dada a amostra reduzida de sujeitos (inferior a 150) e a diversidade de variáveis que contempla.

Numa fase seguinte, procedemos para cada escala à extracção de factores, inicialmente através do valor do Eigen superior a .3, e com base nos resultados e na análise do Sreeplot, prosseguimos com a extracção de factores mediante um nº determinado de factores, seguida de uma rotação Varimax (ver tabelas). Foram apenas considerados os itens que apresentavam saturação acima de .4, por se considerar que estes serem mais discriminativos das componentes subjacentes. Quando um item apresentava mais do que um factor com índice de saturação superior a .4, optámos pelo índice mais elevado sempre que se verificasse entre os dois valores em questão uma diferença superior a .1. Quando esta diferença era menor a .1, procedíamos a uma análise mais criteriosa dos conteúdos optando pela solução com maior coerência entre factor e item. Seguiu-se sempre que necessário a reversão de itens saturados negativamente negativos ou a eliminação de alguns itens para os quais não encontramos qualquer coeficiente de saturação.

Após uma análise exploratória das várias estruturas factoriais resultantes, da análise da sua variância, procedemos à determinação da sua consistência interna, considerando como razoáveis os valores do Alpha de Cronbach superiores a .7. Por fim, escolhemos a estrutura que na nossa opinião melhor explica os dados. Após a interpretação dos grupos de itens formados, foram atribuídas novas designações às subescalas das escalas, sempre que se alterou consideravelmente a estrutura inicial do instrumento que lhe esteve na origem, como aconteceu para as escalas de

Solidariedade, Bem estar e Conflito.

### Estrutura factorial da escala de Bem Estar após rotação *Varimax*

Item	Desânimo	Autodeterm.	Abertura
Desistir de fazer melhorias ou mudanças na vida.	,709		
Não ter relações calorosas e de confiança.	,643		
Dificuldade em manter relações próximas.	,614		
Desapontado com o que conseguiu na vida.	,614		
Feito tudo o que tinha a fazer na vida.	,610		
As exigências deitam abaixo.	,553		
Ter confiança nas suas próprias opiniões.		,725	
Julgar-se a si própria de acordo com o que acha importante.		,701	
Gostar da sua personalidade.		,673	
Ter rumo na vida.		,643	
Ser bom a gerir responsabilidades do dia a dia.		,578	
Importante ter novas experiências.			,670
Controlar situação em que vive.			,643
Tendência para ser influenciada por pessoas com opiniões fortes.			,623
Vida como processo contínuo de aprendizagem.			,600
Os outros descrevem-na como pessoa generosa.			,546
Satisfeito com a história da vida.			,538
Viver um dia de cada vez.			,498

## Estrutura factorial do Índice de Solidariedade Dada após rotação Varimax

Item	Normativa	Afectiva	Funcional
Filhos devem fazer companhia aos pais.	,801		
Filhos devem prestar cuidados de saúde aos pais.	,796		
Filhos devem fazer tarefas domésticas/transporte.	,796		
Filhos devem dar conselhos aos pais.	,743		
Filhos devem dar apoio financeiro aos pais.	,717		
Pais devem fazer companhia aos filhos.	,705		
Pais devem dar cuidados de saúde aos filhos.	,699		
Pais devem dar conselhos aos filhos.	,672		
Pais devem tomar conta dos netos.	,657		
Devem ser partilhadas actividades.	,619		
Pais devem fazer tarefas domésticas aos filhos.	,563		
Pais devem dar apoio financeiro aos filhos.	,520		
Filhos devem promover convívio avós e netos.	,483		
Pais devem partilhar domicílio com filhos.	,460		
Filhos devem partilhar domicílio com pais.	,454		
Devem conversar com família antes de decidir.	,451		
Devem dar mais peso à opinião da família.	,417		
Filhos devem pôr objectivos familiares à frente.			
O casamento deve ser continuação.			
Com estilo de vida diferente da família deve mudar.			
Compreensão em relação à outra.		,873	
Compreensão em relação a si.		,849	
Relacionamento com a outra.		,828	
Comunicação sobre assuntos próprios.		,820	
Comunicação sobre assuntos da outra.		,738	
Existência discussões.		-,665	
Existência de conflito.		-,640	
Drítica em relação à própria.		-,569	
Crítica em relação à outra.		-,461	
Apoio dado afecto.		,456	
Proximidade e outra.			

Apoio dado serviços/instituições.	,718
Apoio dado dinheiro/bens.	,707
Apoio dado tomar conta filhos.	,672
Apoio dado partilha domicilio.	,671
Apoio dado decisões.	,625
Apoio dado transporte.	,586
Apoio dado saúde.	,545
Apoio dado organização festas.	,521
Apoio dado informações/conselhos.	,503
Apoio dado tarefas domésticas.	,445
Apoio dado actividades lazer.	
Apoio dado higiene/beleza.	
Apoio dado alimentação e vestir.	

**Estrutura factorial do Índice de Solidariedade Recebida após rotação  
Varimax**

Item	Normativa	Funcional	Afect.Nconf
Filhos devem prestar cuidados de saúde aos pais.	,799		
Filhos devem fazer companhia aos pais.	,794		
Filhos devem fazer tarefas domésticas/transporte.	,794		
Filhos devem dar conselhos aos pais.	,740		
Filhos devem dar apoio financeiro aos pais.	,712		
Pais devem dar cuidados de saúde aos filhos.	,708		
Pais devem fazer companhia aos filhos.	,703		
Pais devem dar conselhos aos filhos.	,688		
Pais devem tomar conta dos netos.	,653		
Devem ser partilhadas actividades.	,603		
Pais devem fazer tarefas domésticas aos filhos.	,568		
Pais devem dar apoio financeiro aos filhos.	,527		
Filhos devem promover convívio avós e netos.	,480		
Pais devem partilhar domicílio com filhos.	,472		
Filhos devem partilhar domicílio com pais.	,450		
Devem conversar com família antes de decidir.	,437		
Devem dar mais peso à opinião da família.			
Filhos devem pôr objectivos familiares à frente.			
O casamento deve ser continuação.			
Apoio recebido decisões.		,752	
Apoio recebido actividades lazer.		,724	
Apoio recebido dinheiro/bens.		,690	
Apoio recebido transporte.		,659	
Apoio recebido informações/conselhos.		,656	
Apoio recebido serviços/ instituições.		,654	
Apoio recebido tomar conta filhos.		,651	
Apoio recebido saúde.		,615	
Apoio recebido tarefas domésticas.		,610	
Apoio recebido comer/vestir.		,600	
Apoio recebido higiene/beleza.		,587	
Apoio recebido partilha domicílio.		,559	

Apoio recebido organização festas.	,552
Compreensão em relação à outra	,860
Compreensão em relação a si.	,837
Relacionamento com a outra.	,813
Comunicação sobre assuntos próprios.	,804
Comunicação sobre assuntos da outra.	,723
Existência discussões.	-,706
Existência de conflito.	-,656
Crítica em relação à própria.	-,576
Crítica em relação à outra.	-,489
Apoio recebido afecto.	,450
Proximidade e e outra.	
Com estilo de vida diferente da família deve mudar.	



### Estrutura factorial da Escala de Familismo após rotação *Varimax*

Item	Solidariedade f.	Poder f.
Devem proteger reputação da família.	,781	
Devem ser leais com a família.	,735	
Devem fazer sacrifício pela família.	,731	
Devem apoiar da família quem precisar.	,698	
Problemas devem ser resolvidos na família.	,629	
Devem ficar juntos.	,625	
Devem evitar comportamentos não aprovados.		,792
Os membros devem ter mesmas crenças.		,767
Mãe deve ser mediadora entre pai e filhos.		,752
A família deve controlar.		,688
Menores devem obedecer.		,633

### Estrutura Factorial da Escala de Conflito após rotação *Varimax*

Item	Visão negativa	Gestão conflituosa
Admiração pela outra.	-,801	
Guardar ressentimento pela outra.	,775	
Gratidão pela outra.	-,676	
Corte de relações com a outra na zanga.	,619	
Outra aceita opiniões acerca da sua vida.	-,602	
Sentir vergonha pelo comportamento da outra.	,592	
Faltar ao respeito à outra na discussão.	,546	
Não usa gritar quando discorda com outra.	-,437	
Falar de problemas com a outra.		,649
Expressão de zanga à outra.		,607
Atirar coisas pelo ar na zanga.		-,569

## **Anexo 6**

### **Médias totais das escalas**

## Médias totais das escalas

Subescalas	Par	Média	D.P.
<b>Bem estar</b>			
Desânimo aprendido.	Filha	16,55	,906
	Mãe	19,84	,891
Auto-determinação.	Filha	23,47	,576
	Mãe	24,33	,608
Abertura à experiência.	Filha	29,55	,856
	Mãe	28,76	,867
<b>Solidariedade</b>			
Estrutural	Filha	4,51	,374
	Mãe	4,41	,370
Associativa.	Filha	11,14	,335
	Mãe	11,08	,325
Funcional dada.	Filha	22,21	1,947
	Mãe	23,57	2,088
Funcional recebida.	Filha	22,80	2,346
	Mãe	21,67	2,136
Afectiva.	Filha	22,47	1,025
	Mãe	23,33	,898
Normativa.	Filha	78,95	1,623
	Mãe	80,96	1,96
Conflitual.	Filha	5,51	,529
	Mãe	5,04	,517
Consensual.	Filha	2,79	,189
	Mãe	2,76	,183
<b>Valores</b>			
Solidariedade familiar.	Filha	29,63	,556
	Mãe	32,47	,543
Poder familiar.	Filha	13,59	,774
	Mãe	17,94	,832
<b>Conflito</b>			
Visão negativa do outro.	Filha	5,34	,735
	Mãe	5,81	,744
Gestão conflituosa.	Filha	2,59	,307
	Mãe	2,47	,343

